

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

MÉLANIE DE QUADRO SOARES ALVES

A (IN)VISIBILIDADE DA MULHER NEGRA EM ESCOLAS DE BAGÉ

Bagé

2023

MÉLANIE DE QUADRO SOARES ALVES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras- Português e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Letras- Português e Literaturas de Língua Portuguesa

Orientador: Alessandro Carvalho Bica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

A474i Alves, Mélanie de Quadro Soares
A (In)visibilidade da Mulher Negra em Escolas de
Bagé / Mélanie de Quadro Soares Alves.
67 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) --
Universidade Federal do Pampa, LETRAS - PORTUGUÊS E
LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA, 2023.
"Orientação: Alessandro Carvalho Bica".

1. Mulheres Negras. 2. Invisibilidade. 3.
Educação. I. Título.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Universidade Federal do Pampa

MÉLANIE DE QUADRO SOARES ALVES

A (IN)VISIBILIDADE DA MULHER NEGRA EM ESCOLAS DE BAGÉ

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras- Português e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Letras- Português e Literaturas de Língua Portuguesa.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 08 de fevereiro de 2023.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Alessandro Carvalho Bica

Orientador
(UNIPAMPA)

Prof. Dr. Thiago Santos da Silva
(UNIPAMPA)

Prof. Dr^a Liliana Soares Ferreira
(UFSM)



Assinado eletronicamente por **ALESSANDRO CARVALHO BICA, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 10/02/2023, às 14:45, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **THIAGO SANTOS DA SILVA, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 10/02/2023, às 15:09, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **LILIANA SOARES FERREIRA, Usuário Externo**, em 10/02/2023, às 15:15, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1054623** e o código CRC **B086E0E9**.

Referência: Processo nº 23100.002770/2023-69 SEI nº 1054623

Em memória

Dedico este trabalho a minha vó, Justa de Quadro. Na minha infância dissera “Na corrida que é vida, uma mulher negra tem de correr duas vezes mais para chegar na linha de chegada. Corre primeiramente por ser negra e depois por ser mulher”. A corrida vem sendo difícil, vó, mas eu venho conseguindo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente a minha família. Minha mãe, Magda, que desde o meu nascimento prematuro, cuidou e sempre acreditou em mim. Agradeço não só pelo cuidado desde que nasci e passei pela UTI, mas também pelo apoio sobre as minhas escolhas, como quando me deixou na porta da sala onde eu ia fazer o ENEM e disse que eu era capaz, e alguns meses depois, quando me acompanhou para fazer minha matrícula na UNIPAMPA. Tu és uma mulher corajosa e imensa na minha vida. Também sou grata a minha irmã, Kayana, que durante esses quatro anos sempre me encontrava na parada do ônibus durante a noite para que eu chegasse segura em casa. Finalizo agradecendo minha irmã caçula, Carolline, que me alegrou diariamente mesmo em momentos difíceis, e mesmo pequena, com muita curiosidade, procura saber mais sobre o mundo e as pessoas. De forma única, vocês me proporcionaram inúmeros ensinamentos. Tudo que venho fazendo até aqui, também é por vocês.

Agradeço ao meu companheiro, Arthur Bulcão Gomes, que durante meu último ano de graduação, mostrou que tudo pode ser feito com calma e amor. Jamais esquecerei as tardes que passamos grampeando os questionários para a produção

de dados deste trabalho, assim como os dias que me levastes nas escolas para entregar os questionários e depois buscá-los. Compartilhar minha vida contigo, e vivenciar um amor saudável e cuidadoso, é um dos meus maiores alentos.

Agradeço aos meus sogros, Ana, que se encontra em memória, Leonardo e Elizandra. Não só pelo presente que o Arthur é em minha vida, mas também pelo apoio imensurável que vocês me proporcionam, estendo este agradecimento a minha cunhada, Érica. É inexplicável como vocês me receberam tão bem desde o início. Obrigada pelo apoio, pelas alegrias compartilhadas, e principalmente, por serem minha segunda família,

A minha madrinha Paula Taís Soares, que costumava me buscar na escola, e me mostrou que não existe conforto maior e melhor que o de uma madrinha. Obrigada pelas conversas e reflexões maravilhosas que tivemos e temos.

Agradeço também a minha melhor amiga desde a infância, Mônica Lemos. Passamos por inúmeras fases, e nelas todas estivemos juntas. Obrigada pela companhia, pelo amor, pelo apoio, e por sermos sempre nós mesmas, quando estamos juntas. Nossa amizade me inspira todos os dias.

Agradeço aos meus amigos, Jaíne Paiva, Maria Luiza Xavier, Wellington Duarte, Janaína Maraschin e Tamara Nascimento. Vocês foram, definitivamente, presentes que a UNIPAMPA me deu. Muito obrigada por tantas noites que conversamos antes da aula e durante os intervalos na cantina, pelas risadas, choros, reflexões e até mesmo

aniversários que comemoramos juntos. Fizemos amizade na primeira semana de aula, e até hoje seguimos juntos... Que assim sempre seja, que sempre nos apoiemos, respeitemos, mas principalmente, que nos amemos mutuamente.

Também sou grata pelo meu professor, Dr. Alessandro Carvalho Bica, que não é apenas o orientador deste trabalho, mas também meu amigo de vida. Sou eternamente grata pelas portas que o senhor abriu para mim através dos seus privilégios. Obrigada por incentivar e confiar no meu potencial, e por me mostrar que não existem limites para aqueles que acreditam na educação.

Finalizo, agradecendo a todos os professores que tive nesses quatro anos. Alguns que me acompanham desde o primeiro semestre. Todos fizeram com que fosse possível chegar até aqui, ensinando lições maravilhosas, que com certeza levarei comigo.

Eternamente grata!

“Antes de exigir que os outros me ouvissem, precisei ouvir a mim mesma, para descobrir minha identidade.”

Bell Hooks

RESUMO

A discussão sobre as mulheres negras nos espaços vem sendo feita recentemente, como uma pauta delicada, por questões de raça e gênero. Tendo em vista o ambiente educacional, essa pesquisa objetiva-se em analisar a presença da mulher negra nesse espaço, especialmente sobre a invisibilidade delas na história, sociedade, educação e escolas, com isso, realizou-se uma pesquisa quali-quantitativa em 12 escolas da zona leste de Bagé, onde foram entregues 321 questionários, de forma que fosse possível observar a autodeclaração racial dos funcionários das escolas, sendo eles professores(as), diretores(as), supervisores(as), orientadores(as), secretários(as), serventes e merendeiros(as). Para analisar esses dados e relacioná-los, foi feita uma contextualização histórica sobre a escravidão e seus efeitos sobre as mulheres negras, analisando também o racismo estrutural, interseccionalidade das mulheres negras e o feminismo para as mulheres negras. Posteriormente, a análise de resultados foi feita, partindo do número de respostas dos questionários, investigando aspectos deles, como a quantidade de funcionários homens e mulheres, sua escolaridade, faixa etária, autodeclaração, com fins de responder e investigar o objetivo geral da pesquisa, sendo este a invisibilidade da mulher negra em escolas de Bagé. Foi constatado que tal invisibilidade acontece, visto que as mulheres negras são minoria em todos os cargos.

Palavras-chave: Mulheres negras. Invisibilidade. Educação; Bagé.

ABSTRACT

The discussion about black women in spaces has been made recently, as a delicate agenda, due to issues of race and gender. In view of the educational environment, this research aims to analyze the presence of black women in this space, especially about their invisibility in history, society, education and schools, with that, a qualitative and quantitative research was carried out in 12 schools from the east side of Bagé, where 321 questionnaires were delivered, so that it was possible to observe the racial self-declaration of school employees, whether they were teachers, principals, supervisors, guidance counselors, secretaries, servants and cooks. To analyze these data and relate them, a historical context was made about slavery and its effects on black women, also analyzing structural racism, intersectionality of black women and feminism for black women. Subsequently, the analysis of results was carried out, starting from the number of answers to the questionnaires, investigating aspects of them, such as the number of male and female employees, their education, age group, self-declaration, with the purpose of answering to investigate the general objective of the research, being this the invisibility of black women in schools in Bagé. It was found that such invisibility happens, since black women are a minority in all positions.

Keywords: Black women. Invisibility. Education; Bagé.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1- Elaine (ao centro) com seu professor (a esquerda) e sua família, em sua formatura do 2º grau.....52**
- Figura 2- Elaine e seu professor, em sua formatura do 2º grau54**
- Figura 3- Elaine, oradora da turma, fazendo o discurso em sua formatura do magistério.
.....55**
- Figura 4- Elaine, com seus alunos.....56**

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Listas de dados iniciais das escolas.....	37
Quadro 2 - Número de questionários entregues.....	38

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Porcentagem de respostas dos formulários por esfera.....	40
Gráfico 2: Porcentagem de respostas dos funcionários.....	41
Gráfico 3: Porcentagem entre funcionários homens e mulheres.....	43
Gráfico 4- Distribuição de idade dos funcionários.....	43
Gráfico 5- Graduação por função desempenhada.....	44
Gráfico 6- Proporção entre funcionários negros e brancos.....	46
Gráfico 7- Divisão de cargos entre funcionários negros.....	47
Gráfico 8- Tipo de instituição dos funcionários.....	48
Gráfico 9- Proporção entre serventes negras e serventes brancas.....	49
Gráfico 10- Proporção entre merendeiras negras e merendeiras brancas.....	49
Gráfico 11- Proporção entre professoras negras e professoras brancas.....	50
Gráfico 12- Proporção entre funcionários brancos e funcionárias negras.....	51

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

SISU- Sistema de Seleção Unificada

SMED- Secretaria Municipal de Educação

CRE- Coordenadoria Regional de Educação

URCAMP- Universidade da Região da Campanha

UNIPAMPA- Universidade Federal do Pampa

UERGS- Universidade Estadual do Rio Grande do Sul

UFSM- Universidade Federal de Santa Maria

FURG- Universidade Federal de Rio Grande

UCPEL- Universidade Católica de Pelotas

SUMÁRIO

1	
INTRODUÇÃO	20
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	23
2.1 A escravidão no Brasil e suas raízes estruturais.....	23
2.2 A interseccionalidade das mulheres negras	27
2.3 E eu? Não sou uma mulher?	28
2.4 Afastamentos e aproximações, a relação das mulheres negras com a educação.....	31
3 METODOLOGIA	35
4 O CONTATO, IDA E PARTICIPAÇÃO DAS ESCOLAS	39
4.1 A (in)visibilidade da mulher negra acontece em escolas da zona leste de Bagé?.....	42
5 A VOZ CONTRADITÓRIA DE UMA MULHER NEGRA NA EDUCAÇÃO	52
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
REFERÊNCIAS	60
APÊNDICE A- QUADRO DE QUESTIONÁRIOS ENTREGUES E RESPONDIDOS	62
APÊNDICE B- GRÁFICO DE DISTRIBUIÇÃO DOS FUNCIONÁRIOS ENTRE BRANCOS E NEGROS	63
APÊNDICE C- QUESTIONÁRIO PARA DOCENTES	64
APÊNDICE D- QUESTIONÁRIO PARA SERVENTES/MERENDEIRAS(OS) 65	
ANEXO A- POEMA “ASHELL, ASHELL PRA TODO MUNDO, ASHELL” DE ELISA LUCINDA	66

1 INTRODUÇÃO

Diante da inserção das mulheres negras na educação brasileira, sendo ela alterada por fenômenos históricos, raciais e sociais, este trabalho se centraliza na problemática da (in)visibilidade dessas mulheres na educação, com ênfase na presença das mulheres negras em escolas de Bagé.

Considerando a escravidão no Brasil, que teve seu início em 1530, e sua extinção, apenas em 1888. Essa pesquisa também tem como objetivos específicos discutir e observar os efeitos, principalmente, causados pelo racismo estrutural sobre as mulheres negras. Enquanto também observa a trajetória histórica dessas mulheres, sua relação com o feminismo e educação, e a sua presença nos cargos das escolas.

Essa pesquisa se organiza com o propósito de discutir e analisar a presença das mulheres negras em escolas da zona leste de Bagé enquanto professoras, diretoras(es), supervisores, orientadores, secretárias(os), serventes ou merendeiras, através da aplicação de questionário e de uma entrevista com uma professora negra. Sendo assim, tem como objetivo geral investigar se a invisibilidade da mulher negra acontece em escolas de Bagé.

A aplicação dos questionários pretende identificar o perfil de autodeclaração étnico-racial dos funcionários das escolas, já que este aspecto não está presente no currículo deles. Foram mapeadas 12 escolas da zona leste de Bagé, sendo 4 estaduais e 8 municipais. A zona leste foi escolhida, pois é a zona em que moro e cresci, fazendo com que assim, já possuísse conhecimento prévio da área, além de trazer praticidade para a entrega de questionários. Como foi dito anteriormente, através dos questionários será possível identificar a autodeclaração dos funcionários, fazendo com que a investigação seja concluída, já que é através da autodeclaração que se tornará executável a quantia de raça, e assim, observar se mulheres negras são maioria ou minoria nas escolas

A justificativa para a realização deste trabalho foi construída através de anos de inquietação pessoal, sendo ela desenvolvida prematuramente, durante a minha infância, quando não reconhecia mulheres negras enquanto minhas colegas de sala de aula, professoras e diretoras. Quando alguém falava as palavras “doutor” ou “escritor” a primeira visão que vinha em minha mente era de um homem branco. Um dos poucos momentos que eu reconhecia mulheres que eram como eu, era quando

ligava a televisão e de tempos em tempos, havia alguma personagem negra que ou era empregada, ou servira para alívio cômico. Tive poucas professoras negras durante o meu ensino fundamental, médio e graduação, desde o início me questionava quais motivos faziam com que fosse difícil chegar até lá. As mulheres negras podem ser, sim, escritoras, professoras e doutoras, e é através de temáticas como essa, que se torna possível, discutir e reconhecer a invisibilidade das mulheres negras na educação, sendo esta invisibilidade a falta de presença dessas mulheres. Espaços como a Universidade, que possuem diversidade não só entre seus alunos, como também em temáticas de pesquisa, se tornam um espaço apropriado, para descobrir e desenvolver, pesquisas como essa.

Sobre a estrutura deste trabalho, a fundamentação teórica é desenvolvida no segundo capítulo, expondo os principais autores que foram utilizados para a escrita, após organiza-se da seguinte forma: 2.1 análise e apresentação da escravidão no Brasil, considerando seus efeitos históricos e sociais e um de seus maiores fenômenos, o racismo estrutural. Já no subcapítulo 2.2 se discute sobre a interseccionalidade das mulheres negras na sociedade e seus aspectos. Durante o 2.3 são expostas questões em torno da mulher negra e sua relação com o feminismo, finalizando com o subcapítulo 2.4 que trata a relação das mulheres negras com a educação.

Sobre a metodologia, inicia-se no capítulo 3, tratando de uma pesquisa qualitativa-quantitativa que possui caráter descritivo e explicativo. A coleta e análise de dados foi desenvolvida através da entrega de um questionário para funcionários de escolas da zona leste de Bagé, de forma que possível observar a presença das mulheres nessas escolas, identificando se elas seriam maioria ou minoria.

O capítulo 4 apresenta os dados e a análise dos resultados com o apoio de quadros que não citarão o nome das escolas, mas serão designados por ordem alfabética, expondo os dados iniciais da pesquisa, partindo para os subcapítulos, no 4.1 será discutido alguns episódios presenciados durante a entrega e coleta dos questionários nas escolas, enquanto o 4.2 reconhece os objetivos e hipóteses da pesquisa.

Propondo a visibilidade através da narrativa de uma mulher negra, o capítulo 5 tratará uma entrevista semiestruturada com uma professora negra que leciona em uma das 12 escolas que foram pesquisadas, utilizando também de recortes da

entrevista, pretendendo observar de perto as vivências de uma mulher negra na educação.

A estrutura é finalizada no capítulo 6, com as considerações finais do trabalho, apontando também entendimentos alcançados durante a pesquisa e seus resultados.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Inicia-se apresentando uma perspectiva histórica sobre a escravidão no Brasil, tendo ela acontecido entre 1530 a 1888, e as suas consequências sociais e raciais, com as obras de Pinsky (1986) e Almeida (2018). Em seguida, sobre a interseccionalidade da mulher negra, teremos estudos de Lorde (2019), e sobre a relação da mulher negra com o feminismo Hooks (2021) E Truth (2021) A respeito das mulheres negras e educação há as leis Nº 1 de 1837, Nº 10.639 de 9 de janeiro de 2003 e Nº 12.711 de 29 de agosto de 2006, e os autores Woodson (2021) e Freitas (2017).

2.1 A escravidão no Brasil e suas raízes estruturais

Ao ler um artigo sobre Denise Ferreira da Silva¹, filósofa negra brasileira, a mesma disse “Não há modernidade sem violência racial”. A frase de certa forma, causa um olhar para história. Por exemplo, foi por volta do século XV, marcado pelos avanços da navegação e “era dos descobrimentos” (sendo ela mais próxima da ideia de invasão), que se deu início do que hoje seria reconhecido como escravidão. Durante suas viagens, os portugueses iniciaram a captura de africanos logo os escravizando, um dos principais motivos, era a religião, o muçulmanismo predominava nessas áreas, e era visto de forma extremamente negativa para a fé católica.

No Brasil, a escravidão teve seu início por volta de 1530, quando durante as viagens dos portugueses, o Brasil acabou sendo “descoberto”, sendo ele já habitado por inúmeros indígenas nessa época. Servindo como uma colônia que suportaria Portugal, havendo grande exploração sobre o Pau-Brasil que servia um corante e era muito utilizado para tonalizar tecidos, neste momento quem fazia a mão de obra eram os próprios indígenas, posteriormente os materiais eram levados para Portugal.

¹ SOMBINI, E. Não há modernidade sem violência racial, diz Denise Ferreira da Silva. Folha de S.Paulo, 3 dez. 2022. Disponível em: <https://www.folha.uol.com.br/ilustrissima/2022/12/nao-ha-modernidade-sem-violencia-racial-diz-denise-ferreira-da-silva.shtml>

Com o aumento dos engenhos, a aproximação de Portugal com comerciantes africanos e a demanda por mais mão de obra, os africanos começaram a ser trazidos para o Brasil através dos navios negreiros.

O afastamento dos seres que até então tinham identidade, começava a ser perdido já no navio negreiro, onde casais e africanos que falavam o mesmo idioma eram separados. Ao chegarem no Brasil, os agora, escravizados, recebiam nomes “cristãos” e logo já eram batizados, os afastando de uma vida de pecado.

O negro também foi inferiorizado pela história através de comparações, até mesmo com os indígenas, que também foram escravizados, alguns manuais de história diziam que os indígenas possuíam um “espírito livre” e por isso não se adaptavam a escravidão, enquanto os negros estariam sujeitos a se “acostumarem” com as condições que viviam. Essas comparações também foram eternizadas na literatura, enquanto o indígena era sempre aproximado da liberdade, e o negro da submissão.

As raízes dessa ideia esdrúxula, do índio amante da liberdade e do negro conformado com a escravidão podem ser encontradas em Varnhagen, na historiografia; em Gonçalves Dias, na poesia; e em José de Alencar, no romance; por trás da transformação do índio no herói amante da liberdade e do “negro submisso” em mancha da História, está a própria ideia da concepção do Estado Nacional burguês, da constituição da “raça brasileira”, portanto, da descoberta de marcos heroicos reais ou elaborados em nosso passado idílico. (PINSKY, 1986, p. 78).

As consequências dessa inferiorização são hoje percebidas na sociedade, através da linguagem e de comportamentos pré-estabelecidos pela escravidão. Segundo Pinsky (1986), os escravizados paravam de trabalhar por volta das nove e dez horas da noite, sendo que começavam a trabalhar, normalmente, por volta das quatro horas da manhã, documentos da época, registram diversas reclamações dos senhores sobre os negros, os chamando de “preguiçosos”, ainda hoje, essa característica é constantemente atribuída aos baianos², na língua portuguesa, também existe o verbo denegrir, que possui como significado “tornar algo negro”, de forma que seja pejorativo, algo que faz mal para a reputação. Parecendo que ou o negro só possui características que o inferiorizam, ou tudo que se assemelha e faz referência a ele, se torna inferior.

² Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC), em 2018, 81,1% da população baiana é negra.

Sobre a liberdade dos escravizados negros, havia poucos caminhos, alguns se suicidavam, outros fugiam ou conseguiam comprar sua liberdade (devido à idade), e poucos recebiam a carta de alforria (quando o senhor concedia a liberdade a seu escravizado). Muitas escravizadas negras tentaram sua alforria através de seus filhos. Algumas tiveram filhos com seus senhores. Um caso presente no texto de Pinsky (1986), conta que uma escravizada tentou sua liberdade por ser mãe do réu, ou seja, seu senhor/proprietário. A escravizada teve um filho com o seu senhor, o senhor legitimou seu o filho o tornando herdeiro, o até então senhor, não alforriou sua própria mãe. Pinsky (1986), também conta que casos como filhos de senhora ou meios-irmãos de senhores que continuavam sendo escravizados, eram comuns.

Neste aspecto, a mulher branca (sinhá) também é relevante nesta parte da história, visto que até então elas serviam apenas para terem filhos com o seu senhor, a maior quantidade possível, estando atreladas ao sentimental e compromisso do casamento, não havendo preocupação com o prazer de ambos. Enquanto isso, o senhor utilizava de suas escravizadas para sentir prazer, enquanto atrelava características como “selvagem” e “fogosa” as negras e mulatas, contribuindo para o fetichismo dispensado nelas até hoje, todos esses comportamentos se firmaram na estrutura da sociedade, de forma que hoje, seja possível discutir sobre a solidão da mulher negra.

Por fim, a escravidão teve sua abolição decretada apenas em 13 de maio de 1888, após mais de 300 anos de escravidão, através da Lei Áurea, sancionada pela Princesa Isabel. O Brasil foi o último país das Américas a abolir a escravidão. Durante esses 300 anos, a família dos senhores se estabeleceu cada vez mais através dos lucros que possuíam mão de obra escrava, construindo seu capital e sobrenome que passam de gerações em gerações. Enquanto isso, muitos dos negros escravizados tiveram de seguir trabalhando para os seus senhores.

A escravidão e sua abolição tardia afetaram a sociedade de forma que o comportamento dos senhores, parece inspirar os comportamentos da branquitude de hoje, que com sua influência seguem caracterizando e inferiorizando o negro enquanto os afasta de qualquer medida que os aproxime de privilégios que sempre usufruídos pela branquitude. Com isso, silenciam e apagam o negro da história do Brasil, sendo que foi com as mãos deles que o Brasil foi construído. E assim, o racismo estrutural se desenvolveu e enraizou no nosso país. A branquitude seria

uma construção histórica que trata o branco como ser superior na sociedade, fazendo com que ele se torne o “normal” e mais privilegiado, enquanto os não brancos são desprivilegiados e subordinados a sofrerem opressões dos brancos enquanto, muitas vezes, são explorados por eles.

O conceito racismo estrutural foi desenvolvido pelo filósofo Silvio Almeida, ele diz

Em resumo: o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção. O racismo é parte de um processo social que ocorre “pelas costas dos indivíduos e lhes parece legado pela tradição” (ALMEIDA, 2018, p. 37)

O racismo estrutural é responsável por inúmeras desigualdades, sejam elas jurídicas, políticas, econômicas, e até mesmo educacionais. Essas desigualdades também produzem estereótipos sobre os negros, naturalizados pela sociedade.

Ainda me apoiando em Almeida (2018), seguem alguns estereótipos sobre pessoas negras que são naturalizados:

1. Aproximação constante com a vulnerabilidade como se devessem sempre estar dependentes da bondade dos brancos;
2. São incapazes de estar na academia, por mais estudos e especializações que possuam;
3. Mulheres negras são grosseiras, raivosas e ignorantes;
4. Também são incapazes de estar em cargos de liderança, pois não fazem o perfil (que é branco);
5. São aptos para trabalhos que relembram atividades da escravidão, como trabalhar com limpeza, cozinha, e cuidando de bebês ou crianças;
6. Não tem acesso à educação, como ensino médio e graduação.

No Brasil, há um fenômeno de segregação diferente dos demais países, aqui, devido à miscigenação desde o período colonial, também há a questão de classe. Por mais que alguns brancos pobres não tivessem os privilégios da elite e tivessem até mesmo uma realidade inferior a dos negros, eles ainda, possuiriam comportamentos semelhantes aos da casa grande. Alguns que inclusive teriam características físicas miscigenadas, teriam como temor ouvir a frase “esse tem um pezinho na senzala”, pois essa seria uma forma de se aproximar dos negros e todas

as suas “inferioridades”. Aqui, há o almejo e exaltação da branquitude, enquanto se alimenta dos comportamentos, falas e até mesmo estereótipos plantados na escravidão, e presentes no racismo estrutural.

2.2 A interseccionalidade das mulheres negras

Ainda criança, ouvi minha vó me dizer algumas vezes que eu deveria ser a mais limpa, a mais inteligente, a mais esforçada, tudo isso, por ser negra e mulher, “a vida é duas vezes mais difícil para a gente” ela sempre dizia. Minha avó tinha não tinha muito estudo, o tivera apenas até a quarta série, mal conhecia o conceito de interseccionalidade, quando iniciei meus estudos na universidade, percebi mais do que nunca, que suas observações faziam sentido.

A interseccionalidade, seria, assim, uma combinação que conseguiria caracterizar um sujeito, através de aspectos sociais, como a raça, gênero e classe. Ainda me apoiando nos pensamentos de minha avó, para ela, a questão de raça seria o primeiro aspecto a ser notado e logo depois o gênero.

Assim, em um sistema de poder patriarcal onde o privilégio de ter pele branca é uma escora importante, as armadilhas usadas para neutralizar mulheres negras e mulheres brancas não são as mesmas. Por exemplo, é fácil para a estrutura de poder usar mulheres negras contra homens negros, não porque eles são homens, mas porque são negros. (LORDE, 2019, p. 232-3)

Alguns acreditam que mulheres negras e homens negros possuem vivências semelhantes, e assim, enfrentariam alguns preconceitos, desigualdades e percalços em comum. Porém, eles jamais seriam iguais, pois nessa perspectiva, a mulher negra ainda seria inferiorizada. Por mais que o homem seja negro, ele continua sendo homem, e usufruindo de seus privilégios masculinos.

As mulheres negras nem mesmo poderiam ser assemelhadas às mulheres brancas, visto que por mais que as mulheres no geral enfrentem o sexismo e machismo diariamente, as negras, infelizmente, ainda teriam cicatrizes da escravidão, enquanto as brancas, assim, como o homem negro, também teriam alguns privilégios.

Esses privilégios seriam dados através de cor, gênero, classe, orientação sexual e identidade de gênero. Neste sentido o privilégio de cor é submetido ao

branco, e o de gênero aos homens, logo, casos como o de uma mulher branca e um homem negro, se tornam complexos, enquanto possuem um privilégio ou outro, também estão sujeitos a terem desvantagens. Nesse sentido, se formos idear uma pirâmide enquanto a relacionamos com características de raça e de gênero, quem estaria no topo seria o homem branco, no meio mulheres brancas e homens negros e quem estaria em sua base, seria a mulher negra, que até então seria a mais desprivilegiada, por ser negra e mulher, e assim, a interseccionalidade se mostra, caracterizando socialmente os sujeitos, enquanto é alimentada pela sociedade, que oferta e retira oportunidades e privilégios de determinadas partes dessa pirâmide.

2.3 E eu? Não sou uma mulher?

Quando se fala do movimento feminista e movimento feminista negro, muitos se questionam: por que não é a mesma coisa?

Inicia-se pela escravidão. É notável que mulheres brancas também tiveram suas marcas, mas enquanto sinhás. O que faz com que alguns comportamentos e privilégios, infelizmente, ainda persistissem no movimento feminista, fazendo com que muitas mulheres negras se sentissem ignoradas, excluídas e até mesmo oprimidas.

As mulheres negras e de cor estão convictas, por outro lado, de que pouca coisa mudou; apesar de as brancas terem passado a enfocar a raça, a dominação racista ainda é um fator nos contatos pessoais. Sentem que a maioria das mulheres brancas ainda afirmam seu poder, mesmo quando tratam de questões de raça. (HOOKS, 2013, p. 107)

Assim suas pautas, vivências e considerações eram excluídas. A partir daí, foi criada uma vertente do feminismo, o feminismo negro. Um espaço onde as mulheres negras relacionariam suas problematizações de raça e gênero, sem serem desmerecidas e se reconhecendo enquanto mulheres.

A relação entre as mulheres brancas e o feminismo ainda hoje é complicada, visto que algumas ainda o questionam, como se o feminismo não tivesse as trazido nenhuma mudança ou privilégio, acredito que neste ponto, seja notável a influência da escravidão, desde esse período as mulheres brancas já eram privilegiadas. Além desse período, há também o questionamento sobre algumas conquistas feministas, como por exemplo, a inserção das mulheres no mercado de trabalho, mas quais

mulheres? Enquanto as mulheres brancas saíam de suas casas para trabalharem, eram as negras que cuidavam da casa e dos filhos delas, atividade que faziam desde a escravidão.

O reconhecimento do que é ser mulher também é muito importante, outros fatores, causados pelo capitalismo, podem o influenciar, como, por exemplo, a indústria do cinema, moda, música e até mesmo cosméticos. Um poema da atriz Elisa Lucinda, transmite esses aspectos.

Ela viu um anúncio da cônica para todas as mulheres do mundo...
 Procurou, não se achou ali. Ela era nenhuma.
 Tinha destino de preto.
 Quis mudar de Brasil: ser modelo em Soweto.
 Queria ser realidade. Ficou naquele ou eu morro ou eu luto...
 Disseram: às vezes um negro compromete o produto.

(LUCINDA, 2007, p. 224)

Durante muito tempo a indústria se voltou apenas para pessoas brancas, e afastou ainda mais as mulheres. O cinema tinha como atores principais somente pessoas brancas, algumas inclusive, utilizavam do *blackface*, ato de se pintar de carvão, para interpretar personagens negros, de forma ridicularizada. Nos Estados Unidos, os negros que atuaram até 1964, vivenciaram diversas contrariedades, devido às leis Jim Crow, que instituíam a segregação racial no Sul dos Estados Unidos em lugares públicos, a atriz afro-americana, Hattie McDaniel, por exemplo, ganhou o Oscar de melhor atriz coadjuvante pela sua personagem Mammy no filme “E o Vento Levou...” de 1939, sua personagem era uma empregada. Por mais que Hattie, tenha ganhado sua estatueta, ela quase não pôde buscá-la, pois negros não eram autorizados a entrarem no teatro onde ocorreu o evento, Hattie apenas foi ao evento, pois o produtor David O. Selznick, um homem branco, conseguiu uma autorização para ela, e ainda, sim, Hattie sentou em uma mesa, ao fundo do teatro.

Na moda, em revistas e desfiles até certo tempo só se viam mulheres brancas nas capas e passarelas, desenvolvendo assim, um padrão estético, branco e magro. A Vogue, considerada a maior revista de moda do mundo, foi criada em 1892, mas somente em 1974, teve uma negra, a modelo Beverly Johnson, na capa pela primeira vez.

No cenário musical, inúmeros gêneros foram desenvolvidos pelos negros, como o jazz e rock, porém, existem inúmeras histórias de homens brancos que se apropriaram de músicas de artistas negros, e se tornaram referência. Como o caso de Elvis Presley, que se apropriou da música “*Hound Dog*” de uma artista negra, Willie Mae “Big Mama” Thornton. Willie, que gravou sua música em 1953, fez sucesso de certa forma, porém, Elvis, gravou “*Hound Dog*” em 1956, e chegou ao topo das paradas da Billboard com ela. Alguns críticos apontam que essa foi uma maneira de higienizar racialmente o gênero rock, pois, como foi dito anteriormente, rock era um gênero que vinha sendo desenvolvido por negros, mas foi Elvis Presley que ficou conhecido como “Rei do Rock”. Na indústria musical daquele momento, os negros ainda eram tratados de forma inferior, e muito marginalizados, conseqüentemente, um trabalho, mesmo que não original, quando feito por um homem branco, receberia mais conhecimento.

Na indústria de cosméticos, muitas mulheres negras que possuem uma boa renda e assim poderiam acessar todo e qualquer produto que a interessassem, não o teriam, pois a indústria durante muito tempo só priorizou as mulheres brancas, excluindo o tom de pele negro de inúmeros produtos.

É através dessas indústrias que a maioria das mulheres se vê, mas essa visibilidade ocorre para as brancas, enquanto as negras são, infelizmente, invisibilizadas.

A mulher negra está mais que nunca na luta pelo direito à igualdade no mundo do trabalho, nos acessos à educação formal, nos relacionamentos afetivos, na presença nos espaços de poder das sociedades e em todas as questões que tangem a plenitude da dignidade humana. (TRUTH, 2020, p. 8)

O padrão feminino, tem cor, sexualidade e peso. Esses aspectos também impactam nas relações afetivas das mulheres. Por não serem o padrão, muitas vezes as mulheres negras, em suas vidas afetivas, são atreladas a mulheres que não são ideais para um relacionamento sério. Durante diálogos com mulheres negras, inúmeras relatam que em relacionamentos heterossexuais. O homem, muitas vezes tratará o relacionamento com uma mulher negra como um segredo, como uma “escapadinha”, dizendo, inclusive, que no momento não procuram um relacionamento sério, porém, ao assumirem um relacionamento, a parceira é uma mulher branca.

Essa solidão começa a ser desenvolvida logo da escola, quando meninas negras são consideradas as mais feias da turma, principalmente pelos seus traços negróicos, e assim, desde a adolescência, não recebem o afeto como as meninas brancas.

A criação desses padrões faz intervenção sobre os comportamentos, preferências e gostos da sociedade, sendo perceptível que por mais que o tempo passe, ainda estamos atrelados a história, e em um momento como a escravidão, onde as mulheres brancas ficavam com o afeto, e as negras apenas com os desejos dos homens.

2.4 Afastamentos e aproximações, a relação das mulheres negras com a educação

A aproximação da mulher negra com a educação teve seu início ainda na escravidão, quando muitas amas de leite, ao cuidar das crianças, também davam ensinamentos.

Como trabalho, a função de ama envolvia as dimensões do cuidado e da responsabilidade com a socialização primária das crianças brancas. Envolvia a necessidade de ter o leite para amamentar a criança, mas também de ser uma boa ama, tendo cuidado e dedicação com as crianças e ensinando-lhes as primeiras necessidades e possibilidades da vida em sociedade. (FREITAS, 2017, p. 51)

Ainda hoje, alguns serviços que tiveram seu início na escravidão, são atrelados as mulheres negras, como cozinheiras, empregadas domésticas e babás. Muitas dessas mulheres negras são mães, e assim como na escravidão, deixam suas casas e seus filhos, para darem atenção a famílias, que geralmente são brancas. As babás, em muitos casos, cuidam de crianças em que não possuem famílias presentes, se tornando responsáveis pelo desenvolvimento da criança, ensinando-lhes sobre o mundo ou até mesmo o ajudando a fazer atividades da escola.

A mulher negra é posta na posição de cuidado, seja ele na cozinha, na limpeza, ou sobre a criança. Esse tipo de emprego, não precisa de um grau de escolarização alto, mas sim de grande parte do tempo daquela pessoa. Fazendo

com que ela perca momentos em sua casa ou com seus próprios filhos, para cuidar do outro.

Durante o meu ensino, sempre me questioneei o porquê tive poucas professoras negras, em 17 anos de estudo (contando dois anos de pré-escola, nove de ensino fundamental, três de ensino médio, e quatro da graduação), para este trabalho me permiti lembrar e assim contar, e acredito que em todos esses anos, tive por volta de apenas, 7 professoras negras. Entretanto, praticamente toda babá, empregada doméstica ou cozinheira que conhecia era negra.

Enquanto isso, também não me reconhecia nos conteúdos que aprendia, os professores possuíam uma metodologia eurocêntrica. Muito aprendi e li sobre a Europa, e pouco conheci sobre a história dos negros no Brasil e sobre a África.

Assim é a educação dos negros. Eles estudaram fatos da história, mas nunca aprenderam a pensar. Sua concepção é a de que você vai à escola para descobrir o que outros povos fizeram, e então, tentar imitá-los na vida. (WOODSON, 2021, p. 137)

Por mais que já existisse a Lei n.º 10.639, de 9 de janeiro de 2003, assinada pelo presidente Lula da Silva, que instituiu o ensino obrigatório da História Afro Brasileira, em toda e qualquer escola, sendo ela municipal, estadual ou particular. Incluindo a História da África e dos Africanos e a luta dos negros no Brasil, seus impactos na cultura brasileira, enquanto também visibiliza a participação do povo negro na história no Brasil. Sendo na sociedade, economia ou política, que seriam ministrados principalmente nas áreas de Educação Artística, Literatura e Histórias Brasileiras, o presidente, também incluiu o dia 20 de novembro, sendo ele o Dia Nacional da Consciência Negra, nos calendários escolares.

Foi apenas no meu último ano do ensino médio, quando tive um professor substituto, negro, que eu finalmente entendi mais sobre a minha própria história, ele deu leituras interessantes e fez atividades que para mim foram muito marcantes. Nesse momento, percebi que muitas vezes o negro só consegue aprender mais sobre sua história, sobre seu eu social, se outro negro o auxiliar em sua aprendizagem, se outro negro olhar para ele. É como se os negros estivessem sozinhos, e assim, dependessem do outro para terem novas visões de mundo e oportunidades na vida.

O afastamento, aproximação e inserimento do negro na educação, pode ser muito bem observado através das leis brasileiras, e foi inclusive através dela que muitas desigualdades se estabeleceram, e hoje reparações históricas sendo tomadas.

Quando se fala sobre o acesso do negro à educação, seja em alguma postagem em redes sociais, ou até mesmo em um jornal, são feitos comentários com a perspectiva que as oportunidades são iguais para todos, e que leis como a das cotas para os negros são mais excludentes do que inclusivas (será discutido ao longo do texto). Sendo assim, vejamos primeiro a Lei n.º 1 de 1837, sobre a Instrução Primária no Rio de Janeiro, onde o artigo terceiro do capítulo um, diz:

Artigo 3º São proibidos de frequentar as Escolas Publicas:

1º Todas as pessoas que padecerem molestias contagiosas.

2º Os escravos, e os pretos Africanos, ainda que sejam livres ou libertos.

(RIO DE JANEIRO, 1837, p. 1)

Assim como foi dito anteriormente, a abolição da escravidão só foi acontecer anos depois, em 1888. Ou seja, inicialmente, o negro foi totalmente afastado da educação. Fazendo com que desigualdades sobre o acesso à educação para os negros. fossem construídas, e eles se tornassem minoria nas escolas e no ensino superior.

Com isso, o governo da Presidenta Dilma Rousseff, teve uma das leis mais importantes para as políticas públicas educacionais, a criação de Cotas para as universidades e institutos federais, propondo igualdade e diversidade para a educação.

Art. 3º Em cada instituição federal de ensino superior, as vagas de que trata o art. 1º desta Lei serão preenchidas, por curso e turno, por autodeclarados pretos, pardos e indígenas e por pessoas com deficiência, nos termos da legislação, em proporção ao total de vagas no mínimo igual à proporção respectiva de pretos, pardos, indígenas e pessoas com deficiência na população da unidade da Federação onde está instalada a instituição, segundo o último censo da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. (BRASIL, 2012, p. 1)

Por mais que tenha sido desenvolvida com ótimos propósitos e tenha mudado a vida de inúmeros brasileiros, a Lei de Cotas ainda é muito polêmica. Durante discussões sobre a lei, sendo feita virtualmente ou presencialmente, é possível encontrar ou ler, comentários como a lei ser uma forma de inserir a periferia nas

universidades, e não dever ser só para negros, pois “também existe branco pobre”. Comentário que não passa de desinformação, dado que no artigo 1º diz que 50% das vagas devem ser reservadas para estudantes de famílias com renda igual ou inferior a 1,5 salário-mínimo (um salário-mínimo e meio) per capita. Outros comentários podem afirmar que as Cotas são, na verdade, racistas, e que dão a entender que o negro não é capaz de entrar para a universidade “sozinho”. Uns dizem que as cotas “tiram” vagas de outros alunos.

Essas duas últimas, em especial, são as mais equivocadas. Primeiramente, assim como foi dito anteriormente, a Lei de Cotas serviu e serve como uma medida de reparação histórica, não é que o negro “não seja capaz de entrar para a universidade”, mas sim, que a história do Brasil, em todo o momento, o desprivilegiou.

As oportunidades nunca foram iguais para os negros, a lei que proibia os escravizados ou africanos livres de frequentarem a escola, e a lei Áurea, que foi tardia, comprovam isso. Outros fatores, ainda hoje, fazem com que essa caminhada seja desigual, por exemplo, segundo uma matéria do Folha de São Paulo de 2020, 71,7% dos jovens que abandonam a escola no Brasil são negros, um dos principais motivos seria ter de trabalhar. Durante os meus anos de ensino médio, sempre notei que os negros eram minoria nas salas, tendo por volta de 5 colegas negros no máximo, por turma. Sendo assim, como as Cotas seriam racistas com os negros? Sendo a primeira da minha família a estudar em uma Universidade Federal, quando cheguei ao campus percebi a presença de inúmeros, mais do que já havia visto nas escolas e colégio onde estudei, mas ainda, sim, os negros eram minoria. No que se refere ao olhar de que as cotas “tiram” vagas de outros estudantes, acredito que seja um olhar falho. Pela minha memória, quando passei pelo processo do SISU, eram apenas 4 vagas para pessoas autodeclaradas pretas, pardas ou indígenas e que tivessem feito o ensino médio em escola pública. A concorrência é feita apenas entre pessoas com realidades sociais e raciais semelhantes, sendo pré-definidas, e assim, não tirando a vaga de “ninguém”.

Vale ressaltar que o estudo em escolas públicas difere das escolas particulares, muitas escolas públicas não têm materiais, como cópias, livros, e até mesmo uma biblioteca para seus alunos pesquisarem e estudarem. Sobre os vestibulandos para o ENEM, muitos possuem uma renda alta. O que permite que

façam os cursinhos para o ENEM, enquanto isso, outros vestibulandos dependem apenas dos materiais aprendidos nas escolas públicas.

Por esses motivos, ações afirmativas, como a Lei de Cotas, fazem com que a universidade tornasse o acesso à educação acessível, seja ele para pessoas pobres, pretos, pardos, indígenas ou deficientes. Afastando o acesso à educação do racismo estrutural e de toda e qualquer desigualdade social.

A universidade deve ser um espaço onde a educação é democratizada, e se afaste de um tempo em que apenas homens, brancos e ricos podiam acessá-la.

3 METODOLOGIA

O objetivo geral deste trabalho é investigar se a invisibilidade da mulher negra acontece em escolas de Bagé.

Essa questão também apresenta algumas hipóteses, como as mulheres negras serem minoria no geral, enquanto professoras(es), diretoras(es), supervisores, orientadores, secretárias(os), serventes ou merendeiras, ou serem minorias apenas enquanto professoras e majorias enquanto serventes e merendeiras.

Inicialmente, para a contabilização de raça dos servidores, a pesquisa utilizaria como objeto de pesquisa o currículo deles, porém, após ser fazer visita na SMED de (Secretaria Municipal de Educação) Bagé, foi constatado que não havia a definição de raça em seus currículos, provavelmente, devido à autodeclaração. A partir desse momento, teve-se como alternativa, passar de escola em escola entregando questionários, tornando possível observar os dados de raça entre outros, e posteriormente voltar a escola e os recolhê-los.

Assim, foi demarcado um campo de pesquisa, sendo ele a zona leste de Bagé, onde moro e cresci, visando o conhecimento prévio deste lugar e também praticidade durante o decorrer da pesquisa. A zona leste conta com os seguintes bairros: Castro Alves, Dois Irmãos, Estrela Dalva, Ivone, Passo das Pedras, São Judas, Ipiranga, Pedra Branca, Bonito, Santa Flora, Morgado Rosa e Prado Velho.

Após demarcar os bairros, as escolas foram selecionadas, as municipais foram selecionadas através do site da própria SMED, que conta com nome da escola, número e endereço, já as escolas estaduais foram disponibilizadas pela 13ª CRE (Coordenadoria Regional de Educação), onde fui pessoalmente com a lista de bairros, e as servidoras preencheram com as escolas presentes neles. A partir disso, foram contabilizadas 12 escolas no total, sendo 8 escolas municipais de ensino fundamental e 4 estaduais (duas de escolas ensino fundamental, e duas de ensino fundamental e médio)

Como método de pesquisa, foi utilizado o método qualitativo-quantitativo, que utiliza de características tanto qualitativas, quanto quantitativas.

[...] estudos quali-quantitativos nos quais os resultados numéricos são complementados por resultados qualitativos. Segundo Yin (2015) um não exclui o outro, mas pode ajudar a complementar de modo a fornecer um melhor entendimento do fenômeno em estudo. (PEREIRA, 2018, p. 100)

Os resultados quantitativos foram retirados dos números de questionários respondidos e não respondidos, já os qualitativos da relação dos dados retirados dos questionários e as suas relações com os objetivos e hipóteses da pesquisa. Enquanto descrevia e explicava os resultados.

Também foi feita uma entrevista semiestruturada com uma professora negra que leciona em uma das escolas onde os questionários foram entregues. Visando vozeir as vivências de uma mulher negra e visibilizada. O método semiestruturado foi escolhido para nortear a entrevista, enquanto deixa a entrevistada aberta para responder as questões.

Antes da entrega dos questionários, foi feita uma tabela com o nome da escola, rua, bairro, número de telefone, se era municipal ou estadual, número de professores e número de serventes/merendeiras.

Para o preenchimento do número de diretor(a), supervisor(a), orientador(a), secretária(o) e professor(a), e posteriormente entrega dos questionários nas escolas. Foram feitas ligações telefônicas para a maioria das escolas, algumas não possuíam telefone, ou estavam com o telefone indisponível. Através das ligações houve um primeiro diálogo com alguns funcionários das escolas, neste momento foi feita uma pequena apresentação da pesquisa, expondo sua temática e quais dados estariam presentes nos questionários. Após a apresentação, era questionado se seria autorizado deixar os questionários nas escolas. Posteriormente, era perguntado o número de professores e serventes/merendeiras, para assim, no dia da entrega,

levar um número adequado de questionários, e também para elaborar um orçamento de gastos com as cópias dos questionários.

Durante a ligação, os cargos de diretor(a), supervisor(a), orientador(a), secretária(o), foram contabilizados dentro do número de professores, visto que necessita ser primeiramente professor para exercer tais funções.

Sendo assim, foram feitos dois tipos de questionário, o questionário de docente que contava com as funções de diretor(a), supervisor(a), orientador(a), secretária(o) e professor(a). E um questionário apenas para serventes/merendeiras. Essa decisão foi tomada devido o receio da perda dos questionários, em função deles ficarem separados na escola, o de docentes ficaria na sala de professores, e o de serventes/merendeiras, no refeitório, facilitando também o período de respostas. As escolas tiveram o prazo de uma semana para responderem aos questionários.

Nas escolas em que o telefone não estava disponível, o primeiro contato foi feito pessoalmente. E assim como por ligação telefônica, foram apresentados aspectos da pesquisa e o questionário, também questionando se seria autorizado deixar o questionário para ser respondido. Neste caso, foram levados uma média de questionários, em algumas foi necessário voltar posteriormente, para entregar mais questionários.

Os nomes das escolas não serão citados no trabalho, eles serão tratados em ordem alfabética, citando apenas o bairro, se é estadual ou municipal, e números de servidores informados ou não pelas escolas, pois, como foi dito anteriormente, algumas não possuíam telefone.

Quadro 1 - Listas de dados iniciais das escolas

Escola	Bairro	Esfera	Número de professores(a)s informado	Número de merendeiras(o)s informado	Número de serventes informado
A	Santa Flora	Estadual	13	1	2
B	Bonito	Estadual	15 em média	5	5
C	Ipiranga	Estadual	31	2	2
D	São Judas	Estadual	31	4	2
E	Dois Irmãos	Municipal	Não informado	Não informado	-
F	Passo das Pedras	Municipal	Não informado	Não informado	-
G	Passo das Pedras	Municipal	15	4	-
H	Castro Alves	Municipal	15	4	-
I	Bonito	Municipal	Não	Não	-

			informado	informado	
J	Prado Velho	Municipal	Não informado	Não informado	-
K	Morgado Rosa	Municipal	40 em média	3	-
L	Ivone	Municipal	Não informado	Não informado	-

Assim como foi dito anteriormente, foram feitos dois questionários, um para docentes e um para as(os) merendeiras(os)/serventes. Também há observação de que escolas municipais não possuem o cargo de servente. Sendo assim, para as escolas que não informaram o número de funcionários, foram levados em média 20 questionários para os docentes, e 4 para as(os) merendeiras(os)/serventes. Contabilizando assim: 267 questionários para os professores e 54 para merendeiras(os)/serventes, e 321 no total.

Considerando que havia dois tipos de questionários (um para docentes e outro para merendeiras/serventes), foram entregues:

Quadro 2 - Número de questionários entregues

Escola	Estadual ou Municipal	Número de questionário para docentes entregues	Número de questionário para serventes/merendeiras entregues
A	Estadual	13	3
B	Estadual	15	10
C	Estadual	31	4
D	Estadual	31	6
E	Municipal	20	4
F	Municipal	17	4
G	Municipal	15	4
H	Municipal	15	4
I	Municipal	30	4
J	Municipal	20	4
K	Municipal	40	3
L	Municipal	20	4

O questionário era acompanhado de duas páginas, duas páginas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (uma cópia seguia no questionário e a outra era retirada por quem estava respondendo), e uma do questionário em si, sendo assim, considerando escolas que necessitaram de mais cópias, foram utilizadas 801

cópias para os professores e 162 para merendeiras(os)/serventes, contabilizando 963 cópias.

O quadro e contagem feitos acima foram dados a partir da quantidade de formulários levados, que (em alguns casos) pode divergir da quantidade real de professores, em alguns casos, como, por exemplo, uma escola que durante a ligação disse não afirmou a quantidade de professores, mas disse que seria possível entregar em média 15 questionários na escola, pois os professores não gostavam de participar e cooperar com pesquisas.

4 O CONTATO, IDA E PARTICIPAÇÃO DAS ESCOLAS

Além do caso do telefonema, onde de certa forma foi exposto que haveria dificuldades durante a pesquisa de campo, da parte dos respondentes. Nesse capítulo serão inseridos alguns episódios acontecidos durante o contato com as escolas, entrega e recolhimento dos questionários, além da análise de participação das escolas.

Ao chegar em uma das escolas, inicialmente a funcionária, uma mulher branca, que me atendeu ficou intrigada. Antes de apresentar a pesquisa e sua temática expliquei que havia telefonado na semana anterior, ela respondeu que de fato havia ouvido o telefone tocar algumas vezes seguidas, mas não atendeu. Ao final da apresentação, ela questionou “afinal, qual resposta tu pretendes encontrar através desses questionários?”, ao responder que seria analisar a presença de mulheres negras na escola, sendo elas maioria ou minoria, a funcionária se pôs em uma posição defensiva e até ofensiva, respondendo que ali “não havia esse tipo de problema”.

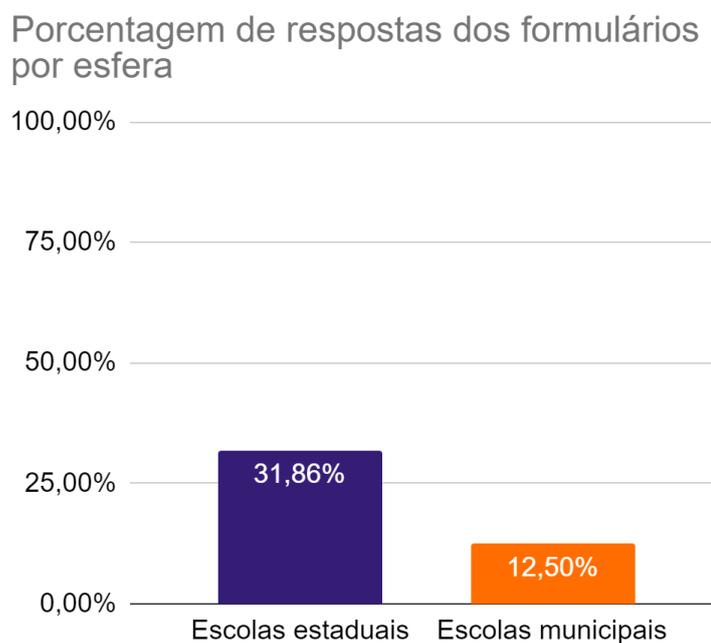
Em outra escola, ao entregar os questionários e relembrar a temática da pesquisa, me foi dito que ela possuía um tema “polêmico” e assim não saberiam se todos os funcionários se sentiriam à vontade para responder.

Na seguinte, uma escola que não possuía telefone. Após expor de forma simplificada a temática da pesquisa, a funcionária que me recepcionou, e que também era uma mulher branca, se mostrou bastante interessada, aos prantos disse que era uma tristeza tudo que haviam feito com os negros na escravidão. Falando alguns pontos desse momento histórico, ao falar sobre os navios negreiros e as atrocidades que lá aconteciam, a funcionária já se encontrava chorando. Ao chegar para buscar os questionários, outra funcionária me atendeu, e disse que nenhum docente havia respondido, pois tinham medo de que eu ficasse retornando a escola frequentemente, em buscas de mais informações.

Posteriormente, durante a coleta dos questionários. Em outra escola, um funcionário branco me atendeu, e disse que alguns docentes não inseriram nome completo no questionário, ou não assinaram o termo de compromisso, justamente devido à temática da pesquisa.

Todos esses episódios fizeram com que tivesse incerteza de como a participação dos docentes, serventes e merendeiras seria. Pois partiria da direção a entrega dos questionários, uma das escolas, inclusive, perdeu todos eles.

Nesse momento a incerteza da participação das escolas ficou evidente, no geral, houve um número pequeno de respostas, mas principalmente das municipais, onde aconteceram os relatos citados anteriormente. As escolas municipais foram as que menos participaram.

Gráfico 1: Porcentagem de respostas dos formulários por esfera

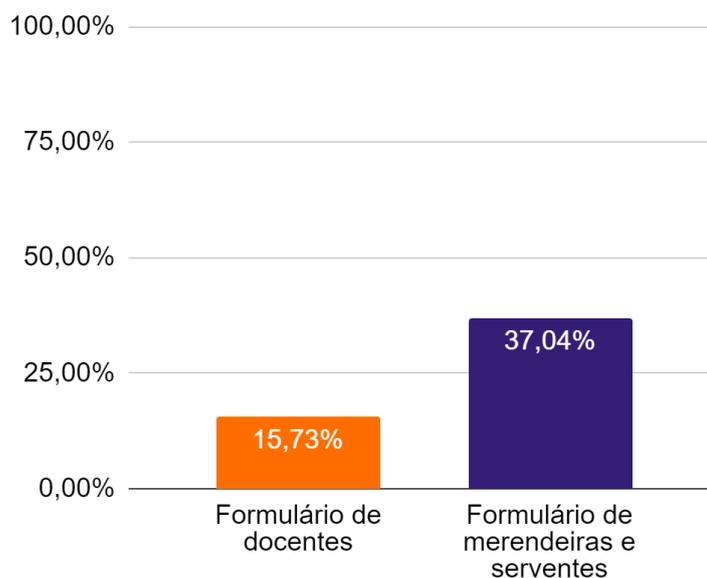
Fonte: autora (2022)

Também se dá destaque que em quatro escolas, nenhum questionário de docentes foi respondido, sendo uma estadual e as outras três, municipais.

Durante a análise do resultado dos dados também foi percebido que o questionário feito para as serventes e merendeiras foi mais respondido que os de docentes, ou seja, as serventes e merendeiras tiveram mais compromisso com a pesquisa.

Gráfico 2: Porcentagem de respostas dos funcionários

Porcentagem de respostas dos formulários



Fonte: autora (2022)

Sendo assim, de 257 questionário para docentes, apenas 42 foram respondidos, e de 54 questionários para serventes/merendeiras(os), somente 20 foram respondidos. Considerando as falas que ouvi durante a entrega e coleta dos questionários, acredito que a baixa participação dos docentes tenha sido pelo desinteresse de apoio a pesquisas e olhar sobre a temática central da pesquisa, vista por alguns como “polêmica”, recebendo uma perspectiva pejorativa, além de um certo receio de comprometimento com a pesquisa.

Possuir uma perspectiva polêmica sobre questões que envolvem as mulheres negras, e principalmente a desigualdade racial e de gênero que as afetam, demonstram, de certa forma, um medo de realizar e validar essas desigualdades e opressões, vendo assim, como um “problema” grave, que quando constatado, as pessoas que fazem parte desse ambiente, no caso dessa pesquisa, as escolas, podem sentir que são “responsáveis” por essas desigualdades, e assim, se colocarem em uma posição defensiva, como o relato que foi inserido anteriormente, a fala “aqui não tem esse tipo de problema” atesta esse aspecto.

O medo dado pela provável comprovação da invisibilidade das mulheres negras, comprova um preconceito enraizado na sociedade, e por uma questão de senso comum, seria extremamente negativo, se aproximar desse preconceito, como se compactuasse com ele. Aspectos como este podem ser notados na sociedade

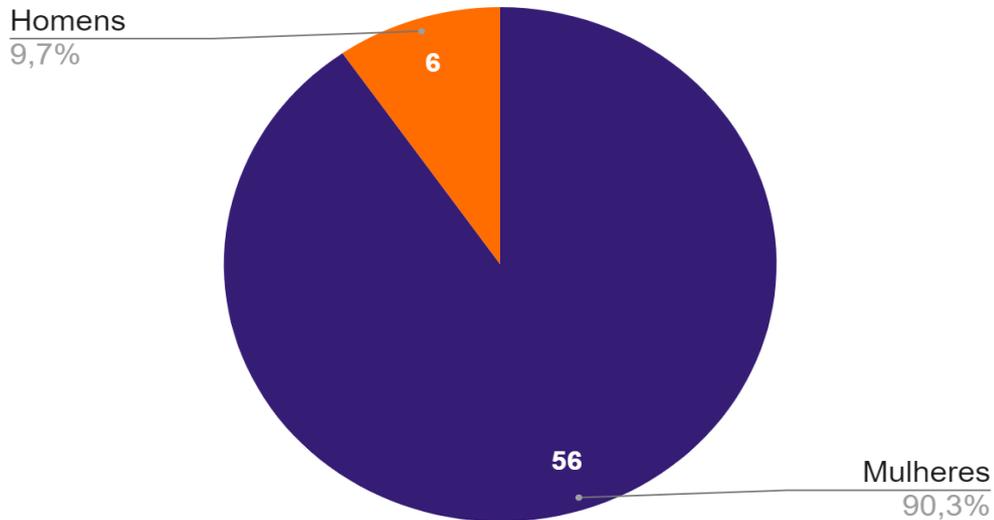
ainda hoje, quando se discute sobre as mulheres negras serem afetadas pelo racismo e sexismo, e estarem em constante situação de desprivilegio. Há um olhar tristonho sobre essas pautas, enquanto as coloca como uma “carga” que simplesmente acontece, e a mulher negra carrega, seja pela história e até mesmo sociedade, mas quando o olhar se voltará sobre a branquitude enquanto responsáveis por muitas das opressões sofridas até hoje pelas mulheres negras? Quando se voltará, para as mudanças que podem ser feitas pela branquitude? Que até então é quem possui maior posição de privilégio na sociedade. É dessa forma, que as opressões sofridas pelas mulheres negras são lidadas apenas por elas mesmas, como se fossem um “problema” delas, e não como um fenômeno social, que deve ser discutido enquanto desenvolvem alternativas para mudá-lo, pela sociedade em geral. As consequências da escravidão, são hoje, tratadas como um ferimento que está se cicatrizando e não deve ser mexido, o medo de o tratá-lo e comprová-lo, alimenta ainda mais a desigualdade e a invisibilidade.

4.1 A (in)visibilidade da mulher negra acontece em escolas da zona leste de Bagé?

Para ser possível responder a principal problematização e objetivo dessa pesquisa, partiu-se da análise de respostas dos questionários. Inicialmente, foi analisado a proporção entre funcionários homens e mulheres e suas idades, posteriormente, a proporção entre funcionários negros e a brancos, a escolaridade dos funcionários, finalizando com a análise sobre proporção de mulheres negras entre os funcionários brancos.

Gráfico 3: Porcentagem entre funcionários homens e mulheres

Proporção entre funcionários homens e mulheres

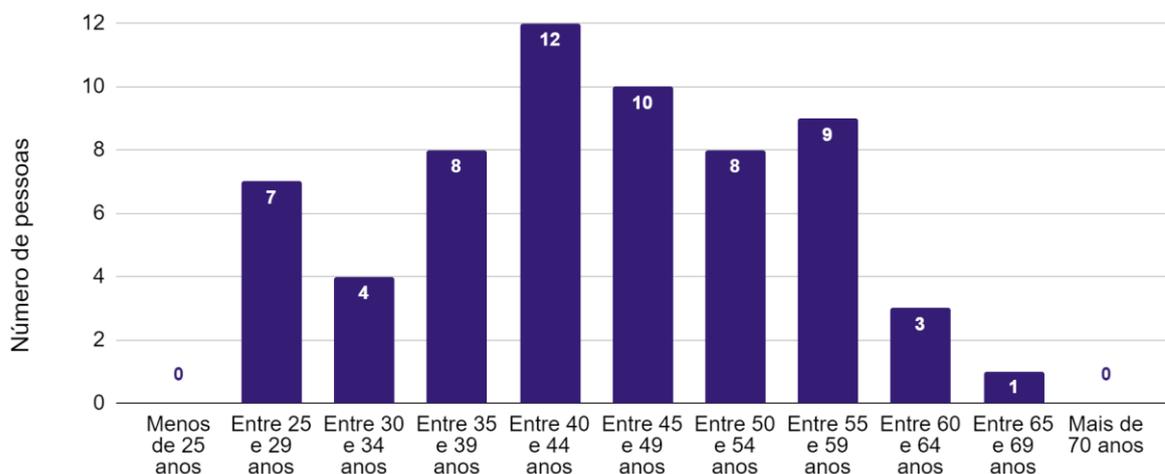


Fonte: autora (2022)

Sendo assim, como primeira constatação, as mulheres foram reconhecidas como maioria. O que até mesmo antes da entrega dos questionários era presumível, pois com o decorrer da história, profissões como professora, serventes e merendeiras, foram atribuídas às mulheres. A função de professora, aproxima a visão da profissional feminina a algo que remete o cuidado e afeição. Já as funções de merendeira e servente, pois também há a relação das mulheres com trabalhos domésticos, como cozinhar e limpar.

Gráfico 4- Distribuição de idade dos funcionários

Distribuição de idade dos funcionários

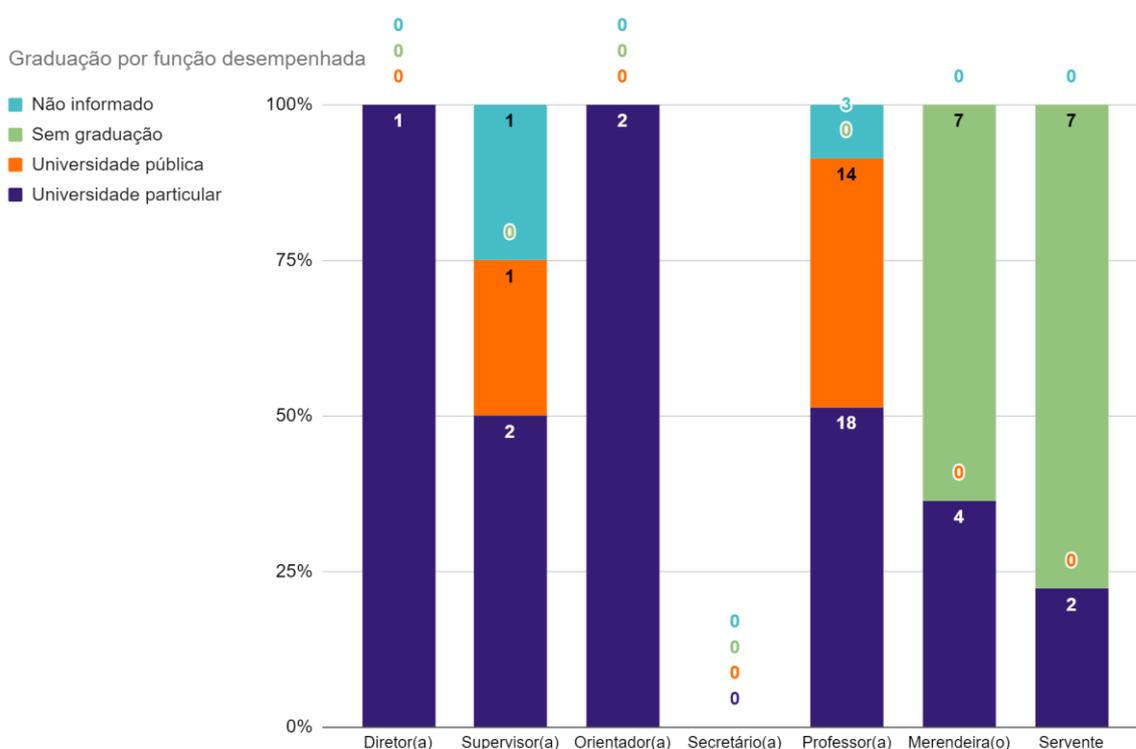


Fonte: autora (2022)

Sobre a média de idade dos funcionários, deu-se entre 40 e 44 anos, contabilizando 12 funcionários nesta faixa etária. Entretanto, por mais que este gráfico considere os professores, serventes e merendeiras, destaco que não foi encontrado nenhum professor com menos de 25 anos, o que faz com que a falta da presença de professores jovens seja intrigante.

Posteriormente partiu-se para a análise de grau de escolaridade dos funcionários.

Gráfico 5- Graduação por função desempenhada



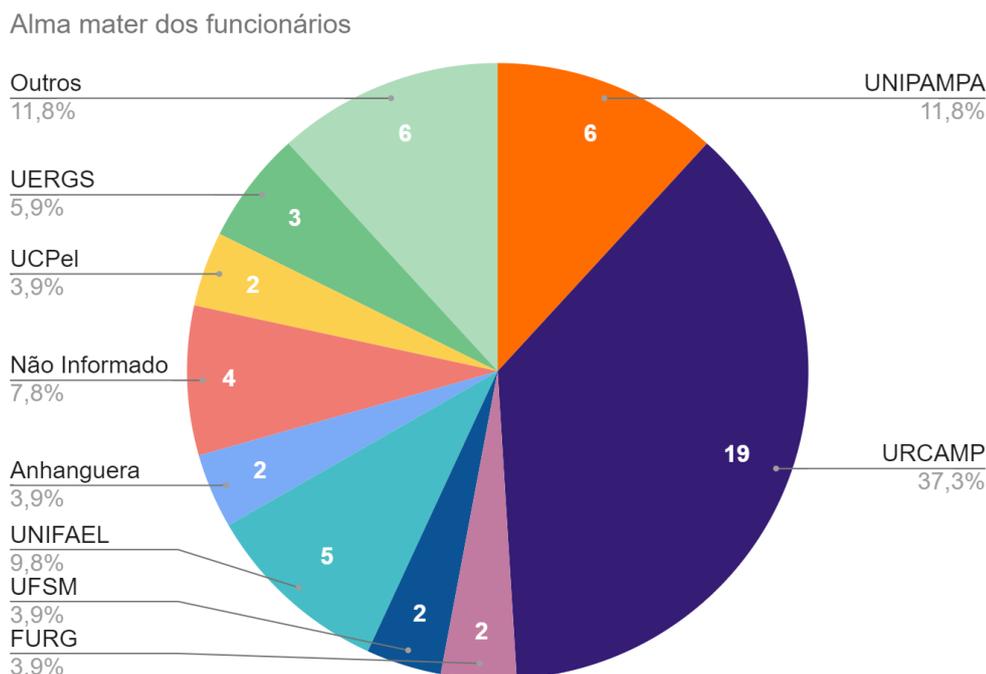
Fonte: autora (2022)

Também foi possível observar que a maioria dos funcionários possuem graduação em universidades particulares, porém as merendeiras e serventes são as que menos possuem graduação.

Sobre a Alma mater dos funcionários, sendo ela a universidade em que os indivíduos se graduaram, foi observado que maior parte dos funcionários se

graduaram ou estão se graduando em universidades da cidade de Bagé, dando destaque para a URCAMP, UNIPAMPA e UERGS.

Gráfico 5- Alma mater dos funcionários



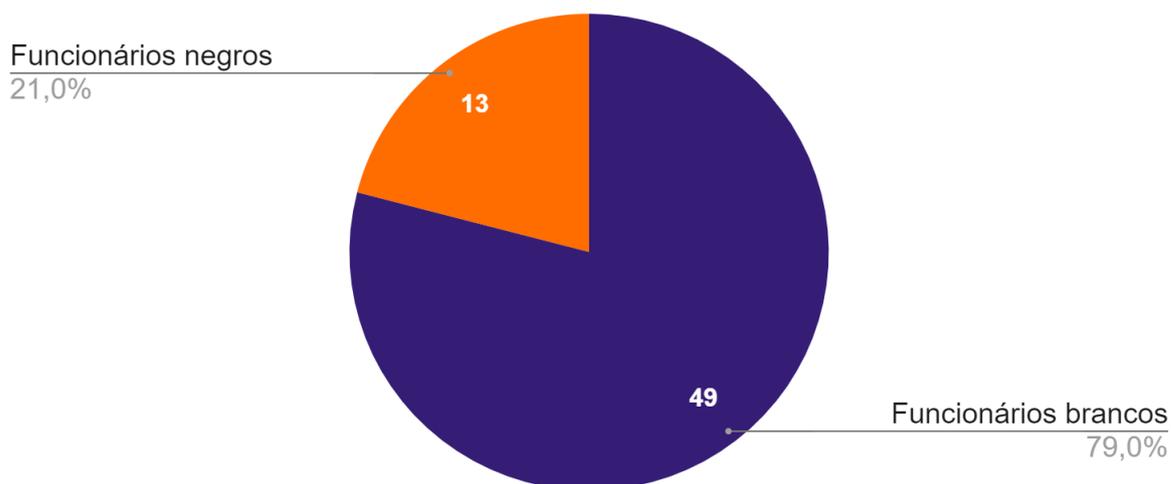
Fonte: autora (2022)

A URCAMP, atualmente, é um centro universitário, mas desde sua fundação é uma instituição particular, possui cursos da área da licenciatura, os cursos de Pedagogia e Educação Física são (que será discutida ao longo do texto) os mais procurados. Já a UNIPAMPA, sendo uma universidade federal, possui uma grande grade cursos de licenciatura no campus Bagé, contando com Letras- Português e Literaturas de Língua Portuguesa, Letras- Línguas Adicionais Inglês, Espanhol e Respectivas Literaturas, e outras licenciaturas como matemática, música, química e física. A UERGS de Bagé, possui bastante procura no curso de Pedagogia, por também ser uma universidade pública. Também foram notadas universidades da região, como a UFSM de Santa Maria, FURG de Rio Grande e UCPEL de Pelotas. Faculdades que oferecem cursos à distância também se salientaram.

Agora partindo para a análise da porcentagem de negros e brancas, utilizando da definição do IBGE que define negros como indivíduos pretos e pardos.

Gráfico 6- Proporção entre funcionários negros e brancos

Proporção entre funcionários negros e brancos



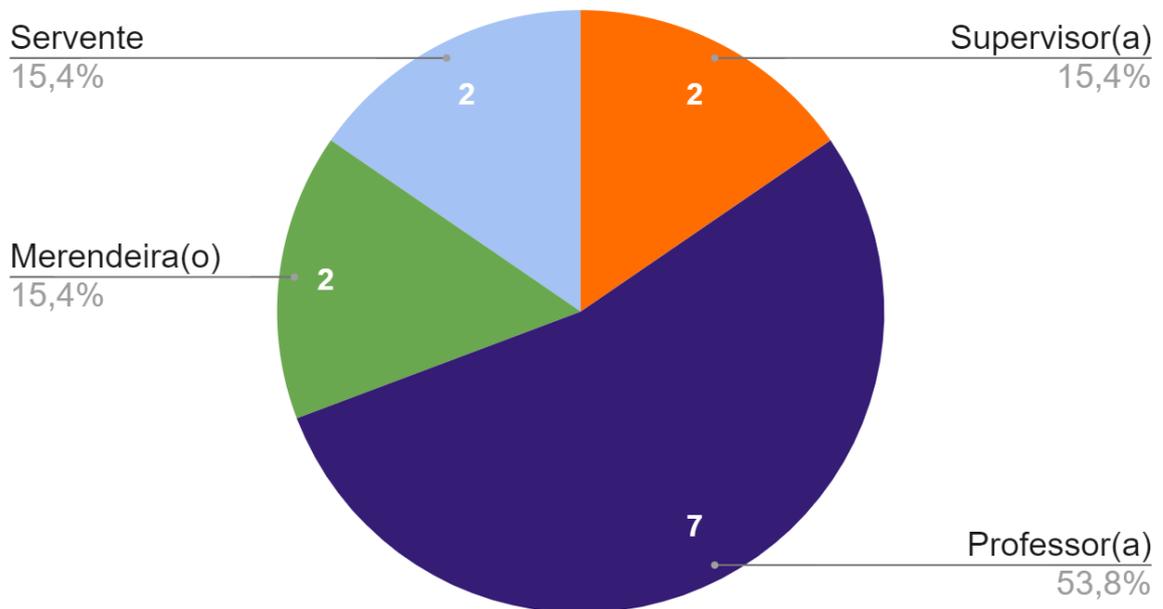
Fonte: autora (2022)

Posto isso, foi verificado que os negros são minoria entre os funcionários, considerando mulheres negras, homens negros, mulheres brancas e homens brancos, que poderiam exercer a função de professor(a), supervisor(a), orientador(a), secretário(a), merendeiro(a) ou servente.

A seguir, gráfico que mostra a divisão de cargos entre funcionários negros, considerando tanto mulheres, quanto homens.

Gráfico 7- Divisão de cargos entre funcionários negros

Divisão de cargos entre funcionários negros



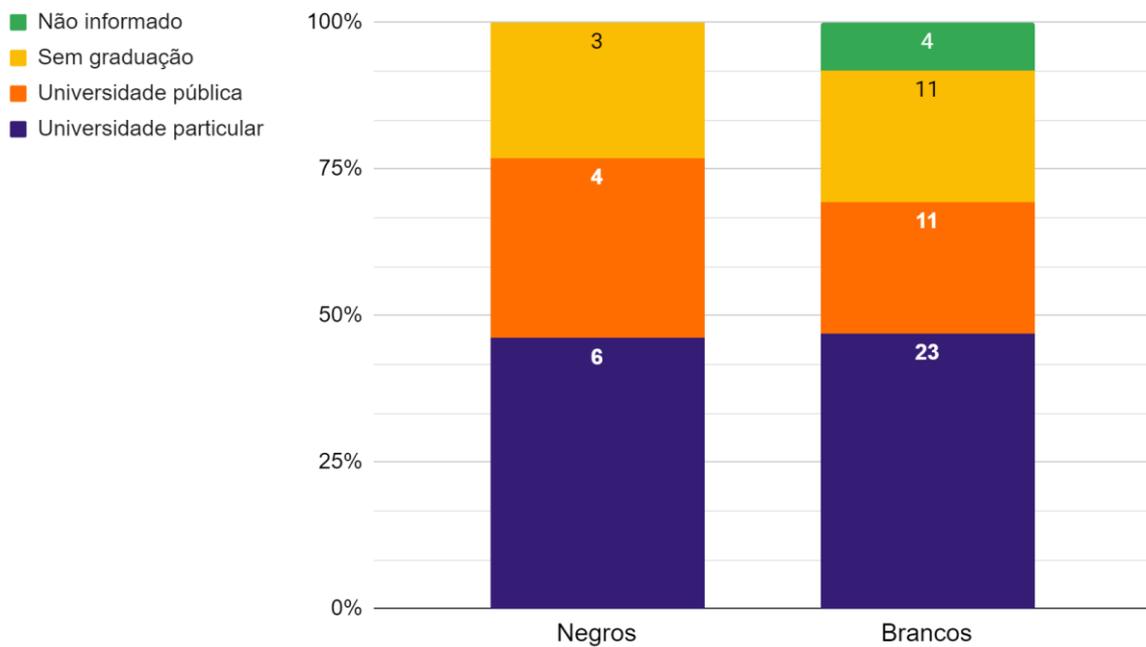
Fonte: autora (2022)

Ainda que sejam minoria enquanto funcionários, é notável que a maioria dos negros possuem o cargo de professor.

Posteriormente, foi comparado o tipo de instituição de graduação entre os funcionários negros e brancos.

Gráfico 8- Tipo de instituição dos funcionários

Tipo de instituição dos funcionários



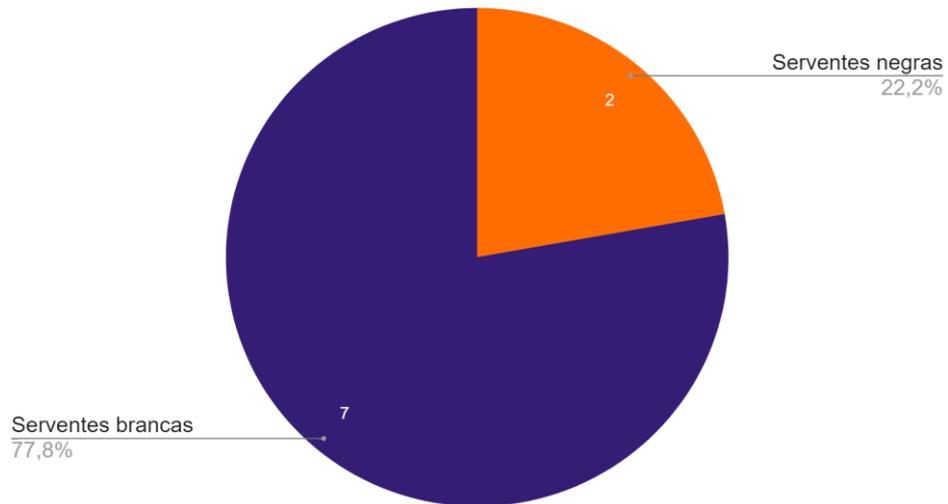
Fonte: autora (2022)

Entre os negros, analisando a quantidade de negros que se graduaram em universidades públicas ou particulares, observou-se que menos negros estudaram em universidades públicas, por mais que existam políticas públicas educacionais como as Cotas, que auxiliam a inserção dos negros na universidade.

Uma das hipóteses formuladas antes da análise dos resultados era de que as mulheres negras poderiam ser maioria enquanto serventes e merendeiras, segue a proporção entre serventes e merendeiras negras e brancas.

Gráfico 9- Proporção entre serventes negras e serventes brancas

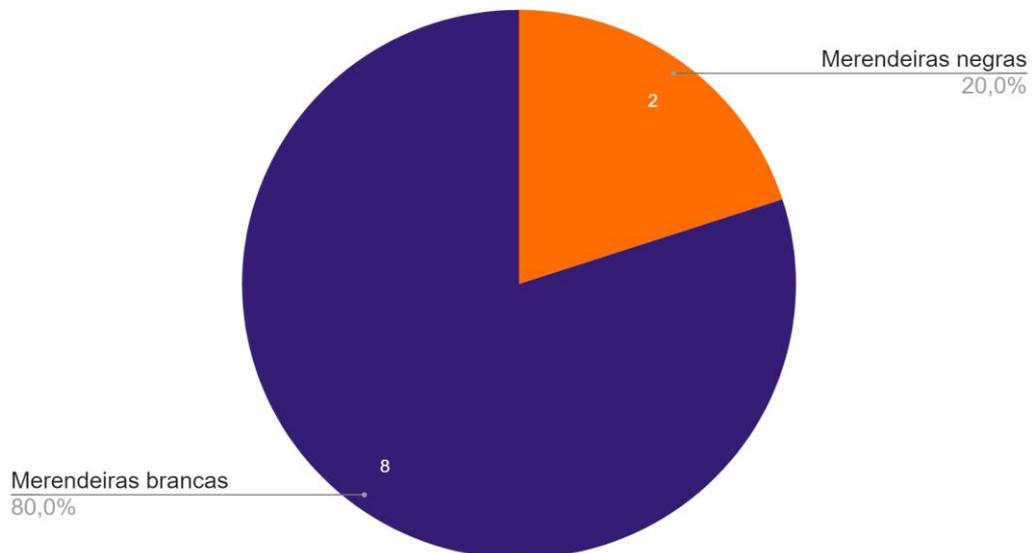
Proporção entre serventes negras e serventes brancas



Fonte: autora (2022)

Gráfico 10- Proporção entre merendeiras negras e merendeiras brancas

Proporção entre merendeiras negras e merendeiras brancas



Fonte: autora (2022)

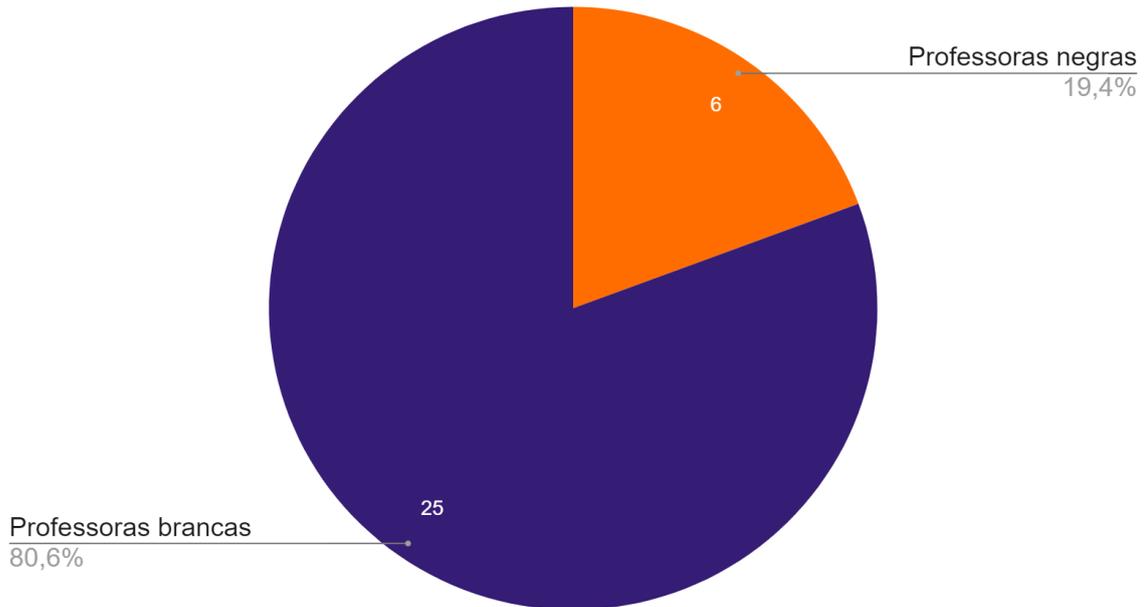
A hipótese, por tanto, foi descartada, visto que as serventes e merendeiras que responderam os questionários, a mulheres negras são minoria.

Posteriormente, visando responder uma hipótese criada desde a minha infância sobre

ter tido poucas professoras negras, procurei observar esse aspecto durante a pesquisa,

Gráfico 11- Proporção entre professoras negras e professoras brancas

Proporção entre professoras negras e professoras brancas



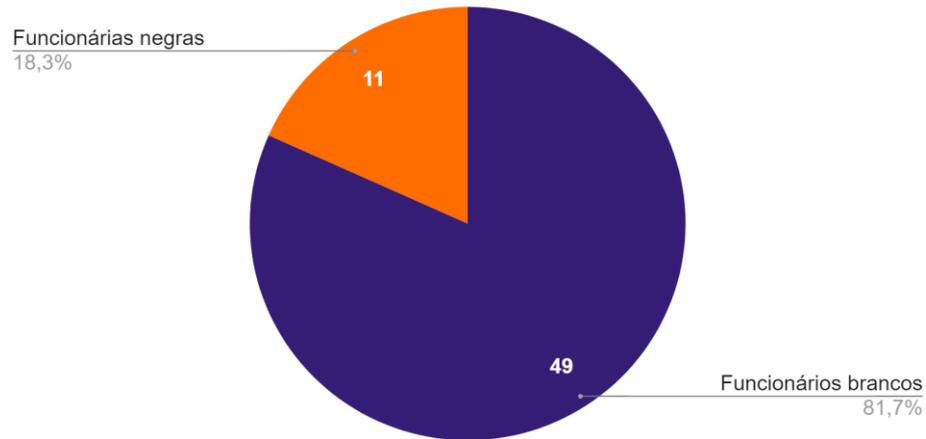
Fonte: autora (2022)

e assim foi constatado que ainda hoje as mulheres negras ainda são minoria enquanto professoras nas escolas.

De forma que fosse possível responder a principal problematização e objetivo dessa pesquisa, foi feito, por fim, um gráfico com a proporção de funcionárias negras e funcionários brancos (contabilizando homens e mulheres).

Gráfico 12- Proporção entre funcionários brancos e funcionárias negras

Proporção entre funcionários brancos e funcionárias negras



Fonte: autora (2022)

Concluindo assim, a invisibilidade da mulher negra acontece em escolas da zona leste de Bagé, em todos os aspectos.

Durante o armazenamento dos dados, contive receio de como a análise seria visto que a porcentagem de questionários respondidos era baixa, porém, não responder também é uma resposta. Seja pelas serventes e merendeiras terem participado mais da pesquisa do que os próprios professores. Aqueles que também enxergam a invisibilidade da mulher negra como uma temática polêmica e de pesquisas que podem reconhecer a invisibilidade, talvez tenham, na verdade, pavor de admitir inúmeras falas racistas feitas e também compactuadas durante o dia a dia, me apoiando em Bento (2022), acredito que atualmente, é o momento onde seja possível falar sobre o racismo, desnudando dos códigos da branquitude. Relatar e discutir sobre as vivências das mulheres na sociedade e educação, onde seus preconceitos sofridos não são reconhecidos pela branquitude por não serem explícitos o suficiente. Para haver uma real mudança, não são só as negras que lidarão com suas opressões, e sim, os opressores.

5 A VOZ CONTRADITÓRIA DE UMA MULHER NEGRA NA EDUCAÇÃO

Para a escrita deste capítulo foi feita uma entrevista semiestruturada com uma professora da rede municipal. A escolha do modelo semiestruturado foi feita para que o diálogo fosse fluido, e, ao mesmo tempo, norteado, fazendo com que a entrevistada se sinta aberta para contar suas histórias, vivências e ideais.

Figura 1: *Elaine (ao centro) com seu professor (a esquerda) e sua família, em sua formatura do 2º grau*



Fonte: Arquivo pessoal da entrevistada

Elaine Fagundes Barcellos Pinto, 64 anos, graduada em Pedagogia pela URCAMP, viúva, mãe de três filhas.

O racismo estrutural, e a ideia de que os negros são inferiores e incapazes, afetam diretamente o negro e logo, sua família, neste caso, a família negra possui um papel fundamental: empoderar seus membros, de forma que eles não acreditem nas ideologias de opressão. No início da entrevista, um dos principais pontos que Elaine destacou, foi que seus pais, sempre deram o maior suporte possível, incentivando que todos os filhos estudassem para terem uma vida melhor. Hoje em dia, a família recolhe os frutos das sementes que plantou, Elaine possui sobrinhos que se graduaram ou estão se graduando, utilizando como um exemplo orgulhoso sua sobrinha que possui mestrado e já tem planos de seguir para o doutorado.

Com o apoio que recebeu de sua família, Elaine sempre se destacou em seus estudos, mas ainda, sim, notava diferenças nos tratamentos que recebia. Em uma das escolas onde Elaine estudou, foi dito que para o desfile de Sete de Setembro, o melhor aluno da escola seria escolhido para carregar a bandeira do Brasil, Elaine era a melhor aluna da escola naquele momento, porém ao chegar no desfile, disseram a ela que outro aluno levaria a bandeira, um menino branco, que era o segundo melhor aluno da escola. Colocaram Elaine para separar o pelotão, ela disse que prontamente contou para o seu pai o ocorrido.

Recorte 1 da entrevista:

– Pai disseram que a melhor aluna ia levar a bandeira, e eu sou a melhor aluna, porque me disseram que eu era a melhor aluna. Mas aí disseram assim, uma desculpa boba “Vamos deixar o fulano, porque ele é homem, ele é mais forte para levar a bandeira”

– Minha filha, tu vai desfilar com essa faixa com muito orgulho! Seu pai a respondeu.

Elaine acredita ter sofrido duas discriminações naquele momento, por ser negra (mesmo que as professoras tenham deixado implícito) e por ser mulher. Neste dia, após o diálogo com seu pai, Elaine contou que desfilou com o orgulho, assim como seu pai dissera. Enquanto descia a avenida Sete de Setembro, ela ouviu pessoas dizendo que havia “uma negra separando o pelotão”. Anos depois, quando já lecionava, Elaine relatou ter outro momento marcante no feriado de Sete de Setembro, enquanto ela desfilava com seus alunos, no outro lado da rua, inúmeros alunos de outra escola a chamavam de “Tia Elaine”, ali, Elaine sentiu que foi positiva na vida de seus alunos, ao ponto de ser reconhecida e chamada por eles na rua.

Sobre ser questionada se acreditava que as mulheres negras são minoria na academia, Elaine disse que acredita que sim, e muito disso aconteceria pela falta de apoio (semelhante ao que ela teve) e o empoderamento, para ela, a junção de uma rede de apoio e a crença de que se é capaz, de que se pode fazer um bom trabalho tanto quanto o outro, fazem com que seja mais fácil acreditar e atingir seus objetivos.

Figura 2: Elaine e seu professor, em sua formatura do 2º grau



Fonte: Arquivo pessoal da entrevistada

Também foi questionado para Elaine, se ela nota efeitos da escravidão presentes na sociedade até hoje, ela disse que sim, e que o principal seria o preconceito. Uma das formas de notá-lo seria através das ideias das pessoas, muitas acreditam que serviços como o de faxineiro, por exemplo, foram feitos para pessoas negras.

Quando indagada sobre a existência do racismo estrutural, Elaine disse que ele, infelizmente, existe, e que não é possível pensar em uma validade para ele, como se ele fosse acabar daqui há dez anos, por exemplo. Elaine também pensa que em um país como o Brasil em que há uma grande miscigenação, esse tipo de preconceito ainda é presente, ela destaca que os indígenas e negros sofrem discriminações, mas que com o negro parece ser mais intensificado.

Figura 3: *Elaine, oradora da turma, fazendo o discurso em sua formatura do magistério*



Fonte: Arquivo pessoal da entrevistada

Sobre suas vivências na educação, Elaine relata que já sofreu racismo em alguns momentos da sua carreira, um dos primeiros casos contados durante a entrevista, foi sobre uma das escolas onde lecionou, disse que havia o pai de um aluno que nitidamente não gostava dela por ser negra, inicialmente, este pai, um homem branco, questionava todas as atividades que Elaine realizava em sala de aula, porém ela sempre teve controle sobre suas atividades e prontamente tinha um argumento, até que um dia, este pai conversou com ela.

Recorte 2 da entrevista

– *E aí ele disse assim para mim, olha professora, a senhora me desculpa pelas coisas que eu fiz, se meu filho cresceu foi por causa da senhora!*

Elaine respondeu a ele que não era necessário se desculpar ou agradecer, pois ela tinha feito apenas o seu trabalho, e ela sabia que tinha o feito muito bem, e isso que interessava. Para Elaine, o adequado, seria que esse pedido de desculpas e até mesmo as implicações acontecessem, inicialmente, entre o pai do aluno, com a supervisora e diretora da escola, e não diretamente com ela. Porém, para Elaine, eles (os brancos), não o fazem, porque se sentem superiores, não discutindo entre si.

Figura 4: Elaine, com seus alunos



Fonte: Arquivo pessoal da entrevistada

Como última história, Elaine conta que uma vez foi indicada para receber um prêmio, mas no instante de recebê-lo, foi surpreendida, teve de ir acompanhada por uma mulher branca, no palco da premiação, esta mulher, até então, não havia sido indicada. Elaine relatou que era a única pessoa negra na premiação. Ela acredita que talvez tenham pedido para acompanhá-la por medo da forma como ela estaria vestida no dia. Elaine também disse que para os negros a estética é muito importante, estar bem-vestido, neste momento da entrevista, lembrei de algumas falas da minha avó que me dizia que por ser negra eu “deveria ser a mais limpa e a mais arrumada”, pois a branquitude, que sempre procura marginalizar e inferiorizar o negro, o aproxima de algo que seria “sujo”. Elaine também relatou que na escola em

que trabalhava, onde alguns colegas comentaram que ela sempre estava muito arrumada, com o cabelo ajeitado e bem-vestida.

No final da entrevista, foi questionado para a entrevistada qual mensagem ela deixaria para as mulheres negras que almejam seguir na educação e na academia, ela disse

Recorte 4 da entrevista

– *É aquilo que eu te disse: eu quero, eu posso, eu consigo! Eu sempre digo para os meus alunos, nós como negros: eu quero, eu posso, eu consigo. E tu chega onde tu quiseres.*

Por mais que cada vivência seja única, enquanto mulheres negras inseridas na educação, provavelmente existirão vivências semelhantes entre elas, como o questionamento constante sobre o seu trabalho, por mais que as mulheres negras tenham estudado durante anos para exercer tal cargo, seja pela incerteza sobre como elas chegaram até ali, em resumo, toda e qualquer conquista de uma mulher negra será questionada e silenciada.

A intenção deste capítulo foi trazer visibilidade em meio a invisibilidade. Fazer com que as narrativas, de uma mulher que foi constantemente silenciada e menosprezada pela sociedade, fosse exposta. É hora de ouvir essas mulheres, suas vivências, conquistas, conhecimentos e principalmente, a voz.

A verdade, é que Elaine contrariou e foi uma exceção em uma sociedade racista que constantemente desvaloriza e silencia mulheres negras espera delas. Que com o tempo, existam medidas políticas que proporcionem oportunidades para as mulheres negras, e que assim, seja possível querer, poder e conseguir.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho possuía como objetivo analisar a invisibilidade da mulher negra em escolas de Bagé, através da investigação de dados resultantes da entrega de questionários em escolas da zona leste de Bagé, visando que os funcionários inserissem no questionário sua autodeclaração racial, e assim fosse possível reconhecer se as mulheres negras eram maioria ou minoria enquanto funcionárias.

A invisibilidade nesta pesquisa, possui como sentido, a falta da presença de mulheres negras nas escolas.

Uma hipótese do trabalho seria de que as mulheres negras poderiam ser maioria enquanto merendeiras e serventes, por serem funções ligadas ao trabalho braçal que envolvem limpeza e cozinha, constantemente atribuídos a mulheres negras, porém, tal hipótese foi descartada. De nove serventes, apenas duas eram mulheres negras, e de dez serventes, novamente, apenas duas eram negras.

A pesquisa também tinha como objetivo específico observar se mulheres negras continuavam sendo minoria enquanto professoras, visando a complexidade do acesso à educação para mulheres negras, foi constatado que sim, de 31 professoras, apenas seis eram mulheres negras.

Sendo assim, para responder ao objetivo geral da pesquisa, que seria investigar se a invisibilidade da mulher negra acontece em escolas de Bagé. Foi analisado a porcentagem de funcionárias negras entre funcionários brancos (contabilizando homens e mulheres), e assim percebeu-se que sim, a invisibilidade da mulher negra acontece em escolas de Bagé, desses 60 funcionários, apenas 11 são mulheres negras.

Propondo a visibilidade de uma mulher negra na educação, também foi feita uma entrevista com uma professora negra que leciona em uma das 12 escolas onde os questionários foram entregues. O racismo estrutural foi um conceito abordado no trabalho, durante a entrevista, Elaine concordou com a existência dele, relatando histórias da sua vida e carreira na educação, onde o racismo estrutural e sexismo se fizeram presentes. Os planos eram de também entrevistar uma merendeira e servente negra, porém, devido à disponibilidade das funcionárias, não foi possível.

Essa pesquisa contribui e se junta a inúmeras pesquisas que tem como o enfoque a mulher negra, seja ela na sociedade ou educação, respondendo uma

pauta tratada por muitos como um segredo, procurando dar voz e visibilidade, para seres que foram histórica e socialmente apagadas da história.

Por fim, os resultados dessa pesquisa também serviram como um alento, para problematizações ensurdecadoras que criei ainda criança, quando não me via, e de fato não entendia se por ser negra, eu também era mulher. Que esteja colocado, que este não será o fim dessa pesquisa, visto que almejo seguir pesquisando a mulher negra na educação e suas narrativas no mestrado e doutorado, e assim pesquisar e olhar, pelas mulheres negras que sentiram que todos os olhos do mundo sempre estiveram fechados apenas para elas. A caminhada pode ser longa, mas a luta é incansável.

REFERÊNCIAS

PINSKY, J. A escravidão no Brasil. São Paulo: Contexto, 2006.

SILVIO LUIZ DE ALMEIDA. Racismo estrutural. São Paulo: Sueli Carneiro, 2019.

HELOÍSA BUARQUE DE HOLLANDA. Pensamento feminista : conceitos fundamentais. Rio De Janeiro Rj: Bazar Do Tempo, 2019. p. 232

HOOKS, B. Ensinando a transgredir. Coleção Folha Os pensadores ed. São Paulo: Folha de S.Paulo, 2021. v. 3

LUCINDA, E. 2007. O semelhante. São Paulo, Record, 224 p.

PEREIRA, A. S. et al. METODOLOGIA DA PESQUISA CIENTÍFICA. 1. ed. Santa Maria: UFSM, 2018.

BRASIL. LEI Nº 12.711, DE 29 DE AGOSTO DE 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências.

BRASIL. LEI Nº 10.639, DE 9 DE JANEIRO DE 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.

RIO DE JANEIRO. Lei nº. 1, de 1837.

BRASIL. Lei no 3.353, de 13 de maio de 1888. Declara extinta a escravidão no Brasil.

Há 40 anos, Beverly Johnson era a primeira negra a aparecer na capa da "Vogue" americana. O Globo, 31 jul. 2014.

BIRCHALL, I. Elvis Presley, um rebelde improvável. Disponível em: <<https://movimentorevista.com.br/2017/08/elvis-presley-capitalismo-industria-cultural/>>. Acesso em: 15 out. 2022.

GÜIMIL, E. Hattie McDaniel: a cruel história de uma atriz que ganhou um Oscar e desafiou a sociedade. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/12/13/cultura/1576235728_595044.html>. Acesso em: 15 out. 2022.

DEISTER, J. Como a indústria de cosméticos exclui mulheres de pele negra no Brasil. Disponível em: <<https://www.brasildefatorj.com.br/2018/05/26/como-a-industria-de-cosmeticos-exclui-mulheres-de-pele-negra-no-brasil>>. Acesso em: 15 out. 2022.

APÊNDICES

APÊNDICE A

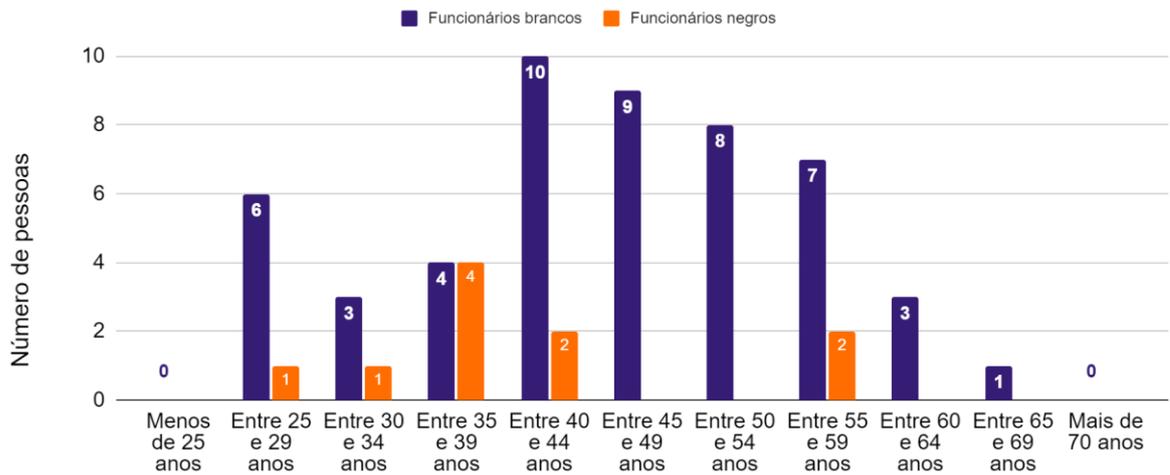
Quadro de questionários entregues e respondidos

Escola	Questionário de docentes		Questionário de serventes/merendeiras(os)	
	Entregues	Respondidos	Entregues	Respondidos
A	13	1	3	3
B	15	7	10	4
C	31	11	4	4
D	31	0	6	6
E	20	3	4	0
F	17	5	4	0
G	15	0	4	2
H	15	1	4	1
I	30	9	4	0
J	20	0	4	0
K	40	5	3	0
L	20	0	4	0
Total	267	42	54	20

APÊNDICE B

Gráfico de distribuição dos funcionários entre brancos e negros

Distribuição de idade dos funcionários brancos vs negros



APÊNDICE D**Questionário para serventes/merendeiras(os)**

Nome: _____

Idade: _____

Sexo: _____

Cor: _____

Formação: _____

Curso de Graduação: _____

Faculdade/Universidade: _____

Ano de graduação: _____

Especialização:

 Sim Não

Em: _____

Na faculdade/universidade: _____

Mestrado:

 Sim Não

Em: _____

Na faculdade/universidade: _____

Doutorado:

 Sim Não

Em: _____

Na faculdade/universidade: _____

 Merendeira Servente Efetivo Contratado

Carga Horária:

 Menos de 20h 20h a 30h 30h a 40h

ANEXOS

ANEXO A

Poema Ashell, Ashell pra todo mundo, Ashell de Elisa Lucinda

Ela mora num Brasil
mas trabalha em outro Brasil
Ela, bonita...saiu.Perguntaram: Você quer vender bombril?
Ela disse não.
Era carnaval.Ela, não-passista, sumiu
Perguntaram: empresta tuas pernas, bunda e quadris para um clip-exportação?
Ela disse não.
Ela dormiu. Sonhou, penteando os cabelos sem querer
se fazendo um cafuné sem querer
Perguntaram: você quer vender henê?
Ela disse nãããã.
Ficou naquele não durmo não falo não como...
Perguntaram: você quer vender omo?
Ela disse NÃO.
Ela viu um anúncio da cõnsul para todas as mulheres do mundo...
Procurou, não se achou ali. Ela era nenhuma.
Tinha destino de preto.
Quis mudar de Brasil: ser modelo em Soweto.
Queria ser realidade.Ficou naquele ou eu morro ou eu luto...
Disseram: Às vezes um negro compromete o produto.
Ficou só. Ligou a TV
Tentou achar algum ponto em comum entre ela e o free:
Nenhum.
A não ser que amanhecesse loira, cabelos de seda shampoo
mas a sua cor continua a mesma!
Ela sofreu, eu sofri, eu vi.

Pra fazer anúncio de free, tenho que ser free, ela disse.

Tenho que ser sábia, tinhosa, sutil...

Ir à luta sem ser mártir.

Luther marketing

Luther marketing...in Brasil.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Universidade Federal do Pampa

MÉLANIE DE QUADRO SOARES ALVES

A (IN)VISIBILIDADE DA MULHER NEGRA EM ESCOLAS DE BAGÉ

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras- Português e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Letras- Português e Literaturas de Língua Portuguesa.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 08 de fevereiro de 2023.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Alessandro Carvalho Bica

Orientador
(UNIPAMPA)

Prof. Dr. Thiago Santos da Silva
(UNIPAMPA)

Prof. Dr^a Liliana Soares Ferreira
(UFSM)



Assinado eletronicamente por **ALESSANDRO CARVALHO BICA, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 10/02/2023, às 14:45, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **THIAGO SANTOS DA SILVA, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 10/02/2023, às 15:09, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **LILIANA SOARES FERREIRA, Usuário Externo**, em 10/02/2023, às 15:15, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1054623** e o código CRC **B086E0E9**.

Referência: Processo nº 23100.002770/2023-69 SEI nº 1054623